

# Práxis

Contribuição : R\$ 2,00

Solidária: R\$ 3,00

Ano IV - Número 17  
Junho-Julho de 2010

**CORRENTE MARXISTA REVOLUCIONÁRIA - Corrente Internacional Socialismo ou Barbárie**

## NOVA CENTRAL DEVE SUPERAR ECONOMICISMO E UNIFICAR AS LUTAS DOS TRABALHADORES. Pg 08



**TODO APOIO À GREVE DAS UNIVERSIDADES PAULISTAS E AS DEMAIS LUTAS. (PG 18)**



**PELA FRENTE CLASSISTA NAS LUTAS E NAS ELEIÇÕES. (PG 8)**

## EDITORIAL: Unir a luta sindical e política para construir uma alternativa classista

Começamos a vivenciar uma nova conjuntura da crise mundial que vem à tona no final de 2008. A crise não assumiu contornos mais dramáticos, evoluindo para uma depressão aos moldes da crise de 29, devido aos trilhões de pacotes de ajuda dos estados às empresas e bancos. Mas a contenção de um desdobramento depressivo não se deu apenas com mecanismos de ajuda financeira dos estados às empresas e bancos. Desde o início da crise assistimos a um processo amplo de demissões massivas, cortes de salários e de direitos, maior precarização e intensificação do ritmo do trabalho. Os pacotes de ajuda ao capital para manter a liquidez, evitando a paralisação total da produção e do mercado, levou a um endividamento público generalizado em todo planeta. Essa transferência de capital do estado para as empresas privadas conteve uma evolução catastrófica da crise, mas em contrapartida acumulou contradições econômicas e políticas que agora demonstram um potencial político explosivo.

É necessário esclarecer que o endividamento é um fenômeno que tem efeitos econômicos diferenciados. Em uma economia como a estadunidense (que deve 70% do seu PIB e o gasto com juros pode chegar a mais de 15% do PIB em 10 anos), que tem a maior dívida pública do planeta, esse fenômeno foi mediado pela redução a praticamente zero da taxa de juros e pelo fluxo internacional de capitais para o seu mercado, garantindo a liquidez da sua economia e do estado. Ai existe um debate entre economistas sobre a sustentabilidade econômica dessa situação. Porém, esse, efetivamente, não é o caso das Grécia, Irlanda, Portugal e Itália, devido às suas fragilidades econômicas estruturais.

Esses estados não podem desvalorizar suas moedas propiciando uma elevação das exportações e, por conseguinte, dos ingressos de capitais para que o estado possa se financiar. Diante desse cenário, a saída burguesa é o ataque direto aos salários, à aposentadoria e às demais condições de vida da classe trabalhadora. Grécia se comprometeu a cortar o seu déficit em 10% do PIB até 2014, o que constitui um ajuste fiscal nunca visto antes. Só existe uma certeza, a de que de uma forma ou de outra não

pode acabar bem, com o governo impondo ou não esse ajuste para ala de draconiano, fazendo com que a crise grega seja considerada -por alguns analistas- apenas como um ensaio geral de uma situação que irá tomar toda a Europa. Uma consequência imediata já



foi a desvalorização de 15% do euro frente ao dólar, situação que se persistir vai agravar ainda mais o endividamento europeu.

No entanto, o elemento mais novo no cenário internacional é a resistência radicalizada a esses ataques que a classe trabalhadora grega está levando a cabo nesse momento. A desigualdade entre a extensão e profundidade dos ataques e a capacidade de resistência dos trabalhadores em termos mundiais parece começar a ser superada. Está colocado -enquanto hipótese provável- que a luta na Grécia se for favorável para os trabalhadores pode mudar a correlação de forças em termos planetários. Com a criação do mercado comum europeu se constitui um intrincamento econômico e social particularmente na Europa e se os trabalhadores conseguirem repudiar o atual pacote haverá inevitavelmente um contágio imediato em todo o continente. Dessa forma, o imperialismo europeu no intento de criar melhores condições para a exploração dos trabalhadores e de melhor concorrer com os demais imperialismos criou uma realidade econômica, social e política que pode favorecer a unidade dos trabalhadores europeus.

No Brasil a crise, que em termos mundiais se demonstra muito mais prolongada e aguda do que previam alguns analistas, perdeu a partir do segundo semestre de 2009 sua força devido ao aporte governamental permitido pela existência de reservas internacionais, pelas demissões

massivas, pela redução salarial e pela recuperação parcial do mercado externo. Cabe esclarecer que a CUT, do ponto de vista sindical, e o PT, do ponto de vista político, somados a outras siglas de menor expressão, foram fundamentais para criar as condições políticas favoráveis aos planos de transferência de verbas públicas para o capital privado, por um lado, e para garantir o aumento da exploração direta dos trabalhadores, por outro.

É importante reafirmar que a base de todas as políticas anticíclicas tem como princípio fundamental a transferência de verbas públicas para o capital o que significa ao mesmo tempo demissões, redução salarial, aumento do tempo de trabalho para se aposentar, não se trata de medidas neutras, acima das classes sociais e que não afetam as condições de vida das massas trabalhadoras. O mecanismo clássico para superar as crises de superprodução continua sendo fundado na destruição de forças produtivas e no aumento da exploração do trabalho. No Brasil isso não é diferente.

O crescimento do PIB no primeiro trimestre de 2010, devido principalmente o crescimento das exportações, esconde as contradições latentes existentes na economia brasileira. Contradições estas como o crescente endividamento público, o déficit na balança de pagamentos, devido a enorme transferência de capitais para o exterior, o aumento da composição dos produtos primários na pauta de exportações - as exportações de produtos primários passaram de um percentual de 23% em 2000 para 41% em 2009-. Assim, uma nova contração do mercado mundial pode fazer com que essas contradições latentes venham à tona e assumam uma proporção que arraste a economia brasileira para uma situação até pior do que a vivida no primeiro trimestre de 2008. trabalhadores no Brasil, a exemplo dos trabalhadores da Grécia, é superar os limites corporativistas assistidos no último período.

### EXPEDIENTE:

Antonio Carlos Soler, Rosi Santos e Martin Camacho

No primeiro momento da crise - fenômeno universal - a classe trabalhadora ficou apática diante das demissões e da redução salarial, pois não é mecânica a assimilação política dos eventos econômicos, os trabalhadores demandam algum tempo para chegarem a conclusão de que só lhes resta a resistência e mobilização diante dos ataques. Isso não é um fenômeno novo, em vários momentos da história se verificou que a assimilação política é mais lenta do que os fatos econômicos e as políticas anticíclicas.

Mas, também, não é verdade que a classe trabalhadora não aprenda com as experiências, ou seja, uma nova onda de ataques, como os vividos a praticamente um ano atrás vai encontrar uma classe trabalhadora em condições políticas muito mais favoráveis para a resistência. Outro aspecto de muita importância para a ação política da classe trabalhadora é o seu nível de organização e o caráter político dos seus partidos e sindicatos. Em 2009, a CUT e as demais centrais sindicais governistas se colocaram a propor aos trabalhadores a redução da jornada de trabalho e a redução salarial para evitar as demissões e, diante das demissões, não chamaram os trabalhadores à luta.

Pelo peso desse último aspecto, é de importância histórica, para a luta dos trabalhadores no Brasil, tratar de superar as direções políticas (PT) e sindicais (CUT) que se formaram na década de 80 com a queda da ditadura militar e o gigantesco ascenso do movimento operário. Lideranças que no início, apesar dos limites e contradições, foram progressistas acabaram por constituir um verdadeiro muro de contenção para a luta independente dos trabalhadores.

A crise mundial, e seus desdobramentos necessários para todo mundo, coloca objetivamente para os trabalhadores a necessidade de resistir sob pena de sofrer todas as mazelas que os mecanismos do capitalismo fazem para sair da crise. Assim, as alternativas sindicais a CUT que se apresentam na atual etapa da luta de classes estão submetidas a responsabilidades inauditas. Falando mais concretamente, o congresso de

unificação na cidade de Santos (SP) entre CONLUTAS e INTERSINDICAL não pode representar apenas um acontecimento organizativo que não reflita tire conclusões sobre os desafios políticos imediatos e a longo prazo da classe trabalhadora. Não está em jogo apenas a sobrevivência institucional dos setores envolvidos nesse processo, o que conta para os trabalhadores é a constituição de um paradigma de política sindical realmente superador.

Nesse sentido, o congresso tem a obrigação de tratar ao menos de três temas fundamentais: superação do corporativismo, do legalismo, do imediatismo e da superestruturação (vide artigo “Os perigos de separar luta sindical e luta política”, dessa edição). Na história recente temos assistido uma série de fatos que comprovam que apesar de independente em relação ao governo e aos patrões os setores envolvidos na unificação não dispõem de uma concepção e prática sindical que rompa definitivamente com a herança cutista. Diante das demissões do primeiro semestre de 2009 que afetaram diretamente suas bases, a CONLUTAS e a INTERSINDICAL não tiveram uma política capaz de mobilizar os trabalhadores para uma resistência efetiva, no segundo semestre a campanha salarial de metalúrgicos que teve algum impacto sobre a realidade nacional, se restringiu as reivindicações salariais, sequer constou na pauta das greves dos metalúrgicos de São José dos Campos a (re)incorporação dos trabalhadores demitidos, a greve dos trabalhadores nas universidades paulistas e as ocupações em alguns campi não contam com o apoio real desses setores.

As posições majoritárias no congresso de unificação se posicionam de forma totalmente imediatista e apolítica, pois estão contra que o congresso vote uma posição política diante das eleições do segundo semestre - a nosso ver esta postura tem a haver com a não constituição da frente de esquerda anticapitalista entre PSOL, PSTU e PCB (vide artigo “A importância de uma frente de esquerda classista e anticapitalista” dessa



edição) para as próximas eleições -, o que significaria a base da possível nova central ficar totalmente a mercê, a exemplo do que ocorreu em 2006, das candidaturas burguesas.

Essa concepção é típica do sindicalismo socialdemocrata que defende a separação entre política e sindicalismo, ou seja, dentro dessa concepção cabe aos trabalhadores lutar por suas reivindicações imediatas, como salário e melhores condições de trabalho e aos partidos lutar por postos no parlamento, pelo “poder”, a CUT e o PT são os principais tributários dessa tradição no Brasil. É claro que partido e sindicato são instituições que respondem a necessidades diferentes, um a luta pelas reivindicações imediatas e o outro a luta pelo poder político, mas também não é menos claro que dentro de uma concepção classista e socialista de movimento sindical os sindicatos não se restringem às lutas imediatas, devem justamente superar essa dicotomia entre imediato (sindical e mediato (político) criada na sociedade burguesa. Mas, os trabalhadores para lutarem pela sua sobrevivência e condições de vida devem simultaneamente também lutar pelo poder, única forma de superar definitivamente o capitalismo e suas consequências devastadoras. Nesse sentido, apesar da especificidade dos sindicatos eles também devem ser espaços de discussão política. Não compreender isso é um equívoco político elementar que pode atrasar e muito o desenvolvimento de lutas capazes de resistir com uma posição anticapitalista aos próximos ataques do governo e dos patrões que, seguramente, ocorrerão com o desdobramento da crise econômica mundial no próximo período.

## Os perigos de separar luta sindical e luta política

### OS DESAFIOS DA UNIFICAÇÃO NO CONCLAT

O congresso de unificação e a nova central daí oriunda pode significar um passo importante na luta de classes no Brasil. Mas para tal é necessário superar os problemas estruturais e políticos que as principais expressões dessa unificação - CONLUTAS e INTERSINDICAL - herdaram do período anterior da luta de classes no Brasil. A seguir apresentamos a nossa avaliação sobre alguns dos problemas que enfrentam a formação da nova central no CONCLAT.

#### CONCLAT DEVE ASSUMIR A LUTA PELA REDUÇÃO DA JORNADA DE TRABALHO

O governo Lula se demonstrou nesses quase oito anos como um verdadeiro guardião dos fundamentos neoliberais, superando de longe seu antecessor, FHC. Um dos grandes testes desse governo foi a crise econômica mundial: a política econômica do governo não saiu um milímetro do “trilho”, o que garantiu taxas de acumulação, mesmo durante a crise, nunca vistas.

No auge da crise econômica, o Brasil e outros países emergentes se tornaram altamente lucrativos para o capital especulativo. Com a redução -a praticamente zero- das taxas de juros nos mercados dos EUA e demais países centrais, tornou-se altamente lucrativo tomar dinheiro emprestado nesses mercados para investir no Brasil (o que é chamado em inglês de “carry trade”).

Por outro lado, os patrões, apoiados pelas centrais sindicais governistas (CUT e Força Sindical), aproveitaram a situação de defensiva em que se encontravam os trabalhadores diante da ameaça de demissões para reduzir salários e benefícios.

A crise econômica, que ainda não terminou - e esta gerando novos ataques as condições de vida dos trabalhadores-, deve ser respondida com campanhas que mobilizem os trabalhadores em nível nacional. Um setor que se propõe alternativo (CONLUTAS e INTERSINDICAL) ao governismo no movimento sindical não pode deixar de se posicionar diante de uma questão como a jornada de trabalho sob pena de perder mais um momento decisivo(1) de se apresentar com alternativa real à CUT e a Força Sindical.



**Diante de constantes e variadas ofensivas da classe dominante, cabe aos trabalhadores encontrarem pontos de apoio para sua ação. Nesse sentido, a questão da redução da jornada de trabalho merece toda a nossa atenção.**

O problema é que esse tema está sendo levado a cabo pelas centrais governistas que defendem a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) que reduz a jornada de trabalho de 44 horas semanais para 40 horas. CONLUTAS (central da qual nos reivindicamos) e a Intersindical até o momento não estão desenvolvendo uma campanha alternativa, aos encaminhamentos que as centrais governistas vêm dando a esse tema tão importante

para os trabalhadores. Uma solução que interesse verdadeiramente aos trabalhadores passa pela redução da jornada de trabalho de forma permanente até que todos estejam empregados.

Defendemos que a jornada de trabalho deve ser reduzida para 30 horas por semana e novas reduções deveriam ser feitas até o fim do desemprego (mecanismo é conhecido como escala móvel da jornada de trabalho). A luta pela redução da jornada de trabalho deve ser seguida da luta contra as

terceirizações, contra a precarização e intensificação da jornada de trabalho, pelo salário mínimo do DIEESE para todos trabalhadores. Tudo isso deve ser acompanhado da luta pela reforma agrária e urbana radical sob controle dos trabalhadores, da luta pelo não pagamento da dívida externa e interna e pela ampliação de verbas públicas para saúde e educação. Essas propostas devem ser completadas pela luta pela organização autônoma no interior de todas as fábricas através da criação de Comissões de Fábricas independentes e democráticas.

ESQUERDA SE DIVIDE DIANTE DA FALSA POLARIZAÇÃO ENTRE DILMA E SERRA

CONCLAT DEVE CHAMAR TRABALHADORES A VOTAR EM CANDIDATURAS CLASSISTAS

A retomada da ofensiva dos trabalhadores passa, também, pelo campo político mais geral. As ilusões criadas pelo PT de que “bastava que representantes dos trabalhadores fossem assumindo cargos públicos até se chegar à presidência e ➡

as mazelas seriam resolvidas” se demonstram, na prática, totalmente superadas. Por isso, **construir uma alternativa política/programática/partidária à altura das reais necessidades dos trabalhadores no próximo período é decisivo.**

O processo eleitoral no atual regime de democracia dos ricos em que vivemos, tem por objetivo, como dizia Lênin, que os trabalhadores elejam qual o carrasco que os irá governar pelos próximos quatro anos. No entanto, este é um momento político importante para propagandear alternativas socialistas para transformação social. Criticamos a incapacidade de parte da esquerda socialista em compor uma frente de esquerda com um programa anticapitalista e socialista para as próximas eleições para ocupar o espaço monopolizados pelos partidos burgueses, lutando pela independência políticas dos trabalhadores.



Nesse ano, estamos diante do Congresso que irá unificar os setores que pretendem surgir como alternativa à CUT. Pela importância do tema, o congresso de unificação não pode se furtar em fazer esse debate e apresentar aos trabalhadores uma posição diante das eleições. Somos a favor da construção de uma frente eleitoral da esquerda radical nas próximas eleições para se colocar entre as falsas polarizações entre Dilma e

Serra e da falsa alternativa.

**Dessa forma, está sob a responsabilidade do PSOL e do PSTU, partidos que infelizmente tem se demonstraram incapazes de construir uma frente para polarizar com as alternativas burguesas, apoiados em um processo de discussão nos fóruns do movimento, uma frente eleitoral e candidaturas que apresente a ruptura com o capitalismo através de um programa socialista com ênfase na auto-organização dos trabalhadores.**

Diante da falsa polarização entre Dilma e Serra, a construção de uma frente de esquerda contribuiria para a disputa ideológica que as eleições permitem. Entretanto, o PSTU está em contra de dar esta batalha: sua proposta de tese desarma os ativistas para enfrentar um dos temas fundamentais no segundo semestre:

as eleições. **Essa proposta cria uma dicotomia entre luta sindical e posição política eleitoral inaceitável, pois essa é típica das correntes social democráticas.**

O sindicalismo radical não pode cair nesse engodo. É necessário em todos os momentos apresentar posições políticas independentes. Uma nova central que se pretenda romper com a tradição da CUT deve ser capaz de

apresentar saídas classistas não só na luta direta dos trabalhadores mas também nas eleições no interior da democracia dos ricos. Ao deixar essa brecha política os patrões, certamente, encontraram mais facilidade para iludir os trabalhadores no sentido de que simplesmente através do voto pode se mudar a realidade e que existem diferenças reais entre Dilma, Serra, Marina etc., além de a falsa divisão dos trabalhadores entre as distintas candidaturas patronais.

### **SUPERAR FALSAS POLÊMICAS E LUTAR PELO PROTAGONISMO DA CLASSE OPERÁRIA**

O balanço apresentado, até agora, sobre o processo de unificação é bastante preocupante, não por compreender que a unificação não seja fundamental, mas porque neste processo de unificação nenhuma preocupação em superar a prática economicista e superestrutural, fortemente marcada pelos setores em unificação não é discutido e muito menos reconhecido pelas principais correntes envolvidas. **A unificação entre CONLUTAS e INTERSINDICAL é sem dúvida fundamental para que se possa alavancar uma alternativa às burocracias sindicais no Brasil. Mas sabemos que uma unificação que não supere os equívocos de direção das duas entidades não ajudará realmente a avançar a luta organizada e independente dos trabalhadores.** A polêmica central em torno à unificação passa pela diferença em relação a concepção “organizativa” da nova central. A INTERSINDICAL defende uma nova central voltada para organizar “os que vivem do trabalho” e tem se negado a incorporar os estudantes na nova central. Já a maioria da CONLUTAS defende uma central operária, popular e estudantil. Não nos parece que nenhuma das duas formulações dá conta das necessidades político-organizativas atuais e históricas dos trabalhadores. ⇨

A formulação da “central dos que vivem do trabalho” é uma formulação que peca pela sua generalidade.

**A formulação da direção da CONLUTAS, apesar de ser mais progressiva ao incorporar o conjunto dos setores oprimidos em uma única organização sindical, também não dá a devida atenção ao papel protagonista dos trabalhadores produtivos assalariados na luta de resistência e de superação do capitalismo.**

A polêmica entre CONLUTAS e INTERSINDICAL passa, também, pela questão da incorporação dos estudantes na nova entidade nacional. Precisamos ter claro que a luta contra o capitalismo deve ser feita com um programa que mobilize o conjunto dos explorados, mas não podemos perder de vista qual é o centro de gravidade político-organizativo deste movimento.

A classe trabalhadora assalariada, pelo seu papel e sua forma centralizada de organização é aquela identificada pelo socialismo científico, por razões objetivas, como a única que pode, ao se por em movimento colocar em cheque a sociedade capitalista e ao tomar o poder político com o apoio dos demais setores, levar a cabo a superação do capitalismo. A história política do século XX é farta em exemplos dos entraves provocados pela ausência da classe trabalhadora como protagonista no processo revolucionário (como já citado aqui o caso de Cuba). A partir daí cabe propor uma entidade que dê conta das especificidades de cada setor sem perder de vista a hierarquia concreta entre os setores sociais envolvidos. **Os processos de mobilização dos últimos anos forjaram uma nova vanguarda combativa que ocupou a cena do movimento estudantil brasileiro.**

**Essa nova vanguarda sabe que a luta deve ser organizada de forma independente, democrática e ligada aos trabalhadores, e que esta organização não pode se limitar aos Centros Acadêmicos, pois os combates devem romper os muros da escola.** A falência da UNE está dando lugar à criação de outras formas de luta nacional e internacional dos estudantes, a mais importante expressão deste processo de reorganização tem sido a criação da Assembléia Nacional dos Estudantes Livre (ANEL).

Além de impulsionar, de fato, campanhas em defesa da educação pública, o que significa o enfrentamento direto à política educacional do governo LULA, a

desenvolvendo desde a sua formação. Dizemos isto porque esta direção não se coloca a tarefa de construir campanhas nacionais e intervenções que permitam que trabalhadores e estudantes unificarem suas forças a partir de processos reais de mobilização. Um claro exemplo disso é a questão da redução da jornada de trabalho. Até o momento, a direção da CONLUTAS não impulsionou uma campanha nacional em torno a esse tema, isso permite que CUT e outras centrais sindicais governistas monopolizem essa questão e a tratem dentro dos limites da ordem estabelecida.

### CLASSE OPERÁRIA GREGA DÁ EXEMPLO DE RESISTÊNCIA



A propaganda do fim da crise econômica e da volta do crescimento tem se demonstrado de fato mais propaganda do

que realidade, as ameaças de novas turbulências generalizadas não estão fora de cogitação, o que **pode significar uma nova onda de destruição econômica mesmo nos países que foram menos afetados no período anterior.**

Os trabalhadores gregos levantaram uma onda de mobilização na Grécia, reagindo com fortes enfrentamentos de rua contra a política de transferir aos trabalhadores a crise que se instalou fortemente no país com a insolvência das contas públicas.

A resistência dos trabalhadores demonstra que há um processo crescente de tomada de consciência de que as crises econômicas não devem ser resolvidas pelo aumento da taxa de exploração dos trabalhadores...

c) A crítica que fazemos à direção da CONLUTAS pode ser estendida à parte das correntes que estão organizando o Congresso Nacional, pois a nova central deve romper com a política corporativista que vem



nem na redução de diretos e postos de trabalho, em resposta a isso vemos em seus cartazes dizeres como que os capitalistas paguem a conta da crise que o seu sistema econômico criou.

**Essa onda de lutas, apesar de limitada, por não se tratar de uma clara consciência política socialista e revolucionária, está se gerando um ponto de partida muito superior ao visto em etapas anteriores onde a ideologia de que não havia uma alternativa classista era predominante.**

### **CUBA: POR UMA REVOLUÇÃO SOCIALISTA DIRIGIDA PELA CLASSE OPERÁRIA**

Outro ponto importante da conjuntura internacional, particularmente a da América latina, é a situação política vivida atualmente em Cuba pela importância paradigmática que tem na mentalidade socialista de várias gerações de lutadores e as posições políticas que se perfilam diante dos seus rumos conferem a análise da realidade cubana destaque.

Cuba, da mesma forma que os demais países de estrutura econômica e social predominantemente agrária, realizaram revoluções de libertação nacional. **A ausência da classe operária organizada politicamente em organismos de poder democráticos e autônomos, apesar das medidas anticapitalistas tomadas, fez com que esses estados se configurassem não como estados operários, mas como estados burocráticos.**

As medidas anticapitalistas, apesar de levadas a cabo por um estado onde não há livre organização dos trabalhadores, permitiu a Cuba avanços no campo da saúde, educação, emprego etc. Entretanto, como aconteceu em todos os demais

países, a emancipação real dos trabalhadores depende da sua atividade autônoma enquanto classe. **Por isso defendemos que é necessária uma nova revolução, dessa vez encabeçada pela classe operária organizada autônoma e democraticamente, para que as tarefas socialistas possam ser desenvolvidas até o final.**

Ao contrário do que diz a organização internacional do PSTU (LIT)<sup>(3)</sup>, Cuba não se constitui como uma “ditadura capitalista”, pois para tal deveria ter recomposto uma classe social proprietária e dominante, além do retorno total das regras de mercado, afirma



também que “Nessas situações lutamos pelas mais amplas liberdades democráticas para todas as correntes opositoras, inclusive as burguesas”. **Para nós o centro do programa vai ao sentido oposto, é a luta das massas trabalhadoras que devem derrotar a burocracia e impor a democracia operária e o aprofundamento das tarefas socialistas.**

### **HONDURAS: POR UMA CAMPANHA INTERNACIONAL CONTRA OS ASSASSINATOS POLÍTICOS**

Na conjuntura Latino Americana o golpe de Estado realizado em Honduras teve como principal objetivo conter a onda de lutas dos

trabalhadores hondurenos por reformas sociais. A eleição fraudulenta que colocou Porfirio Lobo no governo não fez a situação política em Honduras voltar à “normalidade”, pois apesar do refluxo do movimento pós-eleições e da capitulação de alguns setores que estavam na resistência, as marchas continuam acontecendo.

Com o objetivo de esmagar a resistência uma série de assassinatos está ocorrendo em Honduras. Mesmo assim, **Obama e outros governos da região estão dando passos para reconhecer um governo que se originou em um golpe de estado, e tem sido no mínimo, cúmplice dos assassinatos de figuras proeminentes da resistência.**

Como parte da corrente Socialismo ou Barbárie Internacional, o Práxis está impulsionando uma campanha para deter a ofensiva criminoso da classe dominante hondurenha, pelo esclarecimento desses assassinatos e pela prisão de seus autores materiais e intelectuais.

Pela gravidade dos fatos, **contamos com a participação de todas/todos e das organizações que defendem os interesses dos trabalhadores para encaminhar um abaixo-assinado, como parte de uma campanha mais geral, que será encaminhado, através de um ato político, à embaixada de Honduras no Brasil.**

NOTA:

(1) Como as perdas por ocasião das demissões na GM de São José dos Campos, onde esse setor (PSTU) foi incapaz de reagir à altura dos acontecimentos.  
(2) PSTU.

(3) Declaração “Frente a la muerte de Orlando Zapata Tamayo y las libertades em Cuba.

## Faltou construir uma alternativa classista nas eleições

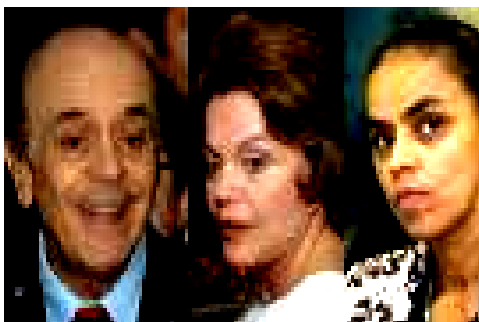
Rosi Santos e Ramos Felix

O calendário eleitoral está a pleno vapor e se define em Outubro. Dessa forma, o conjunto das agremiações políticas se mobiliza para apresentarem candidatos e pré-candidatos para disputar a vaga de presidente, tanto os setores da oposição burguesa, do governo do PT - apoiado por importantes setores da classe dominante -, como também as posições da esquerda. A retomada da ofensiva dos trabalhadores na atual conjuntura passa pelo campo político e por um posicionamento classista nas eleições. Em particular, se trata de uma conjuntura marcada pela resistência fragmentada dos trabalhadores diante dos ataques das patronais e do governo. Portanto, lutar para superar as ilusões políticas criadas pelo petismo - de que através das eleições é possível resolver os problemas dos trabalhadores - é uma tarefa fundamental de toda a esquerda revolucionária.

Mesmo as eleições, no atual regime político (democracia burguesa), que estão a serviço de iludir e desviar os trabalhadores e a juventude de uma mobilização que vá além da institucionalidade, deve ser um terreno de luta política. Com a compreensão de que a única forma de superar os problemas vividos pela maioria é a luta direta e organizada contra a política da burguesia, superando as instituições da democracia dos ricos portanto, não quer dizer que a luta eleitoral não tenha importância. Pelo contrário, apresentar candidaturas independentes, que se posicionem de maneira diferenciada, que denunciem as armadilhas desse regime, que sejam da classe operária e divulguem as lutas em curso propagando o socialismo é imprescindível.

**Nem Serra nem Dilma: É necessária uma candidatura independente e socialista**

Uma pesquisa realizada pelo instituto Data Folha divulgada no dia 22 do mês de Maio aponta - como já havíamos indicado em nossa última edição - o crescimento nas pesquisas da candidata do PT, Dilma Rousseff. A pesquisa aponta que a candidata do PT emparelhou com o candidato do PSDB, José Serra. Dizíamos, também, que este fator estava ligado à falsa polarização entre as duas candidaturas com maior visibilidade na mídia, dos candidatos do PSDB e do PT. Tudo indica que a candidata do PV, Marina Silva, com seu



programa de eco-capitalismo<sup>(1)</sup> não conseguirá sair dos 12% de preferência. Os sete pontos obtidos a mais em relação à pesquisa anterior não é só mérito da candidata do PT, se deve à retirada da candidatura de Ciro Gomes e ao processo de transferência direta de popularidade de Lula, fenômeno do qual muitos duvidavam.

**Dilma e Serra, cada um ao seu estilo só vão piorar as condições de vida dos trabalhadores.**

O candidato do PSDB, José Serra, tem resumido sua campanha na expressão “mais e melhor”, garantindo que continuará as “boas” políticas de Lula e que criará muitas outras. A trajetória do PSDB no governo foi lastimável. Fernando Henrique Cardoso (FHC) levou à cabo inúmeras privatizações e políticas que pioraram as condições de vida do trabalhador, como, por exemplo, medidas que favoreceram

as perversas terceirizações. Serra quando esteve no ministério da saúde, durante o governo FHC, - dentre outras políticas- deixou que a dengue se alastrasse por todo país em vários estados, vitimou dezenas de crianças, idosos e gestantes, doença que quando não assistida pode ser letal. Não obstante jogou toda a culpa nos prefeitos das cidades mesmo estes dizendo que seus estados não receberem toda verba necessária. **Serra economiza com pobres para esbanjar com a burguesia.** Quando prefeito de São Paulo deixou uma dívida de milhões dos precatórios, e não se responsabilizou simplesmente deixou o cargo para concorrer ao governo do Estado <sup>(2)</sup> e neste cargo privilegiou seus representantes cativos do Banco Central e do Ministério da Fazenda. Em seu governo não houve investimento em políticas públicas as camadas mais pobre do estado sofreu com enchentes perdendo suas casa e suas vidas e o tucano novamente se isentou culpabilizando o clima do Brasil. Nenhuma política que amenizasse a sofrível vida dos trabalhadores foi desenvolvida, o transporte público e o trânsito da cidade está a cada dia mais caótico a saúde as traças a educação em total abandono. Sobre a educação se pode escrever um capítulo a parte. O PSDB de José Serra odeia a educação pública e seus trabalhadores<sup>(4)</sup>. O salário do professor do estado de São Paulo (capital econômica) é o pior do país, sua esposa pediu nacionalidade italiana, dizendo que “a Itália é melhor para educar seus filhos”. Ela tem razão, o partido de seu marido está há 16 anos no Estado e a “grande” política educacional dos últimos tempos foram as malditas cartilhinhas para os professores, que além estarem cheias de problemas





teóricos, como a história dos dois Paraguis na cartilha de Geografia, elas servem ainda como instrumento de controle e de dominação do trabalhador docente. Com ela, se institucionalizou a espoliação do professor na produção de conteúdos, jogando uma pá de cal na autonomia do trabalho docente (5). Segundo o sociólogo Chico de Oliveira, o PSDB não pode nem ser considerado de direita: assim, este partido “é como o falecido general Figueiredo, a última flor malcheirosa da ditadura que não gostava de cheiro de povo preferindo o dos cavalos”. (Revista, *Versus* Ano II). Em relação às políticas macroeconômicas não é diferente, em entrevista ao Jornal folha de São Paulo 2008 o próprio Fernando Henrique Cardoso disse que Serra era o principal articulador das privatizações, que isso era um “ideal” dele.

### Dilma reafirmará os mesmos



**pilares econômicos do último ciclo de acumulação capitalista...** Dizendo: “Vamos manter o equilíbrio fiscal, o controle da inflação e a política de cambio flutuante”. Que trocando em miúdos, esses fundamentos da política econômica foram seguidos à risca pelo governo Lula fato que culminou em um maior acúmulo de capitais. Dilma, assim como José Serra, se eleita terá muita afinidade com o capital financeiro nacional e internacional. Em declarações a própria ex-ministra diz que não tocará em um milímetro da política econômica ou seja, continuará seguindo a cartilha do capital. A candidata de Lula seguirá de

maneira incondicional o atual governo, ou seja, não fará além do “mais do mesmo”. Ora, se Lula se manteve nos domínios das políticas que atende a burguesia os banqueiros e grande indústria, formula neoliberal seguida por FHC, formula esta que funciona para o capital, pois sustentam a existência dos próprios governos e de uma minoria da sociedade. Dito isto, Dilma não vai se arriscar em terreno inóspito, seu mandato será uma réplica dos governos burgueses anteriores.

### Com Lula, nada mudou. Com Serra ou Dilma, nada mudará

**Como Presidentes, ambos não ousaram nenhuma medida que altere a política macroeconômica ou social - políticas como a do bolsa família, tão alardeadas pelo governo como solução para a pobreza, mesmo para os analistas burgueses já vem se demonstram esgotadas no sentido de combater a miséria - do atual governo.**

Qualquer um dos dois candidatos estará submetido aos interesses da base social que representam, ou seja, a classe dominante. Os padrões continuaram tendo todas as condições para manter a super-exploração a qual submetem a maioria dos trabalhadores no Brasil, tanto um quanto o outro irão tomar medidas no sentido de estender as terceirizações e a precarização geral das condições de trabalho, que permite fabulosos lucros e remessas para o exterior, além da redução das verbas para os setores sociais, com vistas a manter os fabulosos pagamentos da dívida com o capital financeiro - vide o atual corte de gastos R\$ 7,5 bilhões, nesse total só a educação vai perder R\$2,4 bilhões em relação ao orçamento aprovado no congresso.

Também não irão tocar em problemas como a reforma agrária ou urbana. Vale lembrar que Lula fez questão de manter a Medida Provisória (MP) de FHC que proíbe o INCRA de desapropriar qualquer

latifúndio que tenha sido ocupado pelos trabalhadores sem terra e a política criminosa em relação às condições de moradia nos grandes centros urbanos, responsável todos os anos por enchentes, desmoronamentos e mortes de centenas de trabalhadores na periferia; não irão tocar na política de privatizações iniciadas no governo FHC e continuadas por Lula, como os leilões das bacias petrolíferas e a atual política do pré-sal que independentemente da partilha ou concessão mantém a política privatizante e a transferência dos recursos do Estado a serviço das transnacionais, é lógico que está descartada a distribuição das riquezas extraídas do pré-sal ao povo, assim a política social não sairá do mero assistencialismo e não irão tocar nos grandes monopólios das transnacionais, na remessa de lucro, e no controle do capital financeiro sobre a economia.

### A ausência de uma frente classista

Os candidatos da oposição de esquerda, nas pesquisas em contraste, enfrentam um cenário bem mais adverso. Ao não reeditarem a Frente de Esquerda (PSOL, PSTU e PCB) este ano (para além dos fortes limites dessa frente nas eleições passadas), e lançarem candidaturas próprias, dão um tiro nos próprios pés, pois perdem a oportunidade de se diferenciar programaticamente com um projeto classista para um setor mais amplo da classe trabalhadora. Para o PSTU, importante eram os milhões de voto que a Senadora H.H poderia despejar na frente de esquerda. Um cálculo quantitativo e não qualitativo: o cálculo que pode ser comparado com os dos partidos conservadores que medem suas alianças somente por visibilidade ou votos. O PSTU vislumbrou mesquinamente a possibilidade de eleger um de seus representantes em algum lugar do país.



Posição antagônica aos parâmetros políticos da unidade na ação revolucionária, uma frente de esquerda, para assim ser considerada, não deve colocar seus interesses construtivos em detrimento das necessidades políticas da classe trabalhadora e da estratégia revolucionária. O embate eleitoral é um momento importante para que as organizações de esquerda construam, no diálogo com a vanguarda, seus programas e os apresentem às massas **como um meio para lutar pela independência política da classe trabalhadora.**

Dessa forma, a ausência de programas e candidaturas unificadas daqueles que acreditam que as transformações reais dependem, em primeiro lugar, da mobilização direta dos trabalhadores nas ruas e de uma alternativa política radicalmente distinta do capitalismo, deixa uma enorme lacuna na cena política nacional. Esse deveria ser o momento para unir novamente à esquerda - ainda que seja no limitado terreno eleitoral - e alavancar a construção de uma frente classista como ocorreu em 2006.

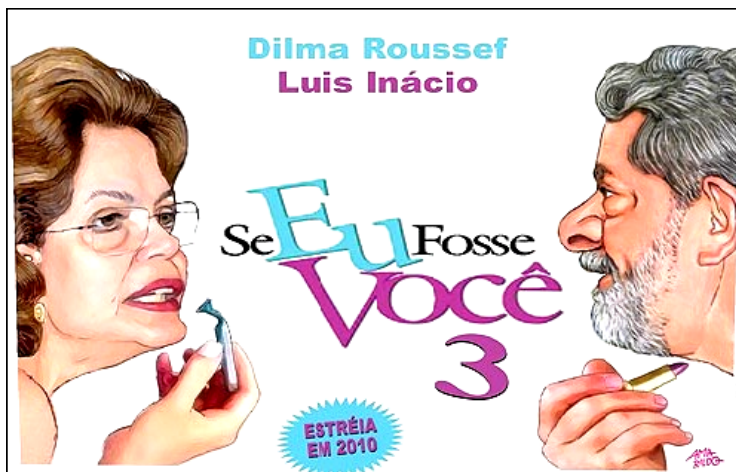
É claro que para tal é necessário rechaçar a postura oportunista que assumiu H.H. e boa parte da direção do PSOL, que na prática atuou durante a campanha eleitoral com um programa muito inferior ao votado nas instâncias partidárias e da frente com os demais partidos.

Entretanto, a viabilidade ou não desta frente deveria estar no marco da disputa política encaminhado por seguidas críticas a ala reformista (majoritária) do PSOL no trânsito de propostas que propiciam a formação de uma frente de fato classista. Em outras palavras: decisões importantes como essas - frente de esquerda - não pode transitar ora pelo oportunismo ora pelo

sectarismo.

Após um processo marcado por toda sorte de problemas burocráticos de definição do pré-candidato do PSOL que culminou em duas pré-conferências e a beira de uma ruptura por razões palacianas, Plínio de Arruda Sampaio foi reconhecido como o pré-candidato oficial do PSOL.

Entretanto, mesmo o pré-candidato



do PSOL tendo um perfil distinto de H.H (que nega completamente o programa socialista) o PSTU se mantém em sua posição de <candidatura própria> desconsiderando a necessidade política de apresentar aos trabalhadores uma “chapa eleitoral” de esquerda que tenha uma visibilidade mais ampla.

### **O PSTU fechou toda a possibilidade da frente de esquerda**

É bom que fique claro que reivindicamos uma frente de esquerda assentada em um programa claramente anticapitalista e que se apóie na luta direta dos trabalhadores, propomos uma situação totalmente diversa do ano de 2006, uma vez que a reedição daquela frente em hipótese alguma atenderia aos interesses políticos dos trabalhadores.

Por isso criticamos o PSTU pela postura sectária de se recusar a

recompor a frente sem nenhum dialogo amplo e as outras correntes por não terem dado a batalha política para que ela se realizasse como é o caso do PCB. Esse partido foi o primeiro a declarar candidato próprio. Ainda mais grave é a sua postura contrária à unificação da Intersindical com a Conlutas, duas importantes frentes de lutas que juntas podem qualitativamente contribuir de maneira mais eficaz para luta dos trabalhadores. Essa

unificação pode alavancar o movimento sindical no Brasil, pois isoladas se encontram débeis atualmente e ineficientes para atrair as categorias que ainda estão sob a bandeira da CUT e da Força Sindical. Qualificamos essa posição como uma posição sectária de um grupo oportunista, que desconsidera a real diversidade dos setores

de esquerda, considerando apenas os peso político e eleitorais dos setores, da esquerda e simplesmente se auto-proclama como “candidatura socialista e operária”...

Essa não deveria ser a posição das organizações comprometidas com os trabalhadores, principalmente daquelas que dirigem setores importantes dos trabalhadores, como sindicatos, centrais sindicais e partidos políticos. Esse é o caso do PSTU. Vemos que em 2006 o PSOL encabeçado pela então Senadora Heloisa Helena, conseguiu criar uma Frente de Esquerda - com a participação do PSTU, do PCB e de setores menos expressivos da esquerda-. A postura do PSTU, na ocasião, foi de simplesmente aceitar todas as condições impostas pelo PSOL, como a vice-presidência um programa desenvolvimentista pela a possibilidade de proporcionar maior projeção nacional para o partido. Nessa época, o PSTU já dava sinais que estava se adaptando ao calendário eleitoral.



Distintamente este ano, quando Heloisa Helena bateu o martelo(6), se recusando a ser a candidata a presidente, o discurso do PSTU mudou drasticamente. E diante da crise interna do PSOL na definição da sua pré-candidatura - processo imerso em uma série de problemas éticos e metodológicos - e outras situações, inclusive parte delas causados pela própria H.H(7), o PSTU argumenta que “a crise interna do PSOL” e o seu programa inviabilizam a reedição da frente de esquerda para as eleições desse ano: ou seja: **antes de H.H ter dito não... o PSTU dizia sim.**

No caso do PSTU, que alegou divergências programáticas com PSOL, contraditoriamente estas divergências não eram tão problemáticas antes de Heloisa Helena declarar oficialmente que não iria sair como candidata. Durante a campanha de 2006 houve, na verdade, uma capitulação do PSTU em relação à postura de Heloisa Helena durante a campanha presidencial. H.H e a direção do PSOL simplesmente desconsideraram as bases programáticas elaboradas em acordo com os partidos que participaram da frente eleitoral, colocando em prática uma plataforma abaixo do nacional desenvolvimentismo, não defendia sequer reformas de base, e conservador, pois HH se declarou abertamente contra o direito ao aborto, por exemplo. Com HH fora do páreo o PSTU caracterizou que qualquer nome do PSOL teria muito menos votos, ou seja, não poderia contar com os seis milhões de votos obtidos por HH em 2006.

O problema que a direção do PSTU não consegue explicar é porque diante de uma pré-candidatura teoricamente mais à esquerda do que a de Heloisa Helena - o pré-candidato escolhido pela convenção do PSOL foi Plínio de Arruda Sampaio -, não é mais possível recompor a frente e o partido, assim fecha a questão e lança Zé Maria como candidato à presidência. Se a quatro anos atrás o PSTU capitulava

perante o programa e a postura de Heloisa Helena com vistas a “não criar problemas eleitorais”, agora a política desse partido assume uma



feição sectária; sectária e contraditória, pois não contribui para a construção de uma alternativa distinta da falsa polarização entre as duas principais candidaturas burguesas. **Assim, para enfrentar a falsa polarização entre Dilma e Serra, a construção de uma frente de esquerda com um claro programa anticapitalista contribuiria para a disputa ideológica em torno da independência de classe que o cenário eleitoral permite, sendo um momento oportuno para propor uma alternativa socialista apoiada nas lutas dos trabalhadores, das minorias em geral e dos oprimidos como um todo.**

#### **A luta para que o CONCLAT se posicione politicamente diante das eleições**

Isso só comprova que a esquerda não pode deixar os trabalhadores à mercê das candidaturas que representam os interesses das classes dominantes. Cada uma dessas candidaturas, ao seu modo, tenta aparecer como defensora dos interesses de “todos brasileiros” e de “toda nação”... manobra típica da ideologia dominante que procura mascarar os interesses particulares da classe dominante como interesses “de todo

o povo”. A construção de uma frente de esquerda, mesmo que com capacidade eleitoral reduzida, com um claro programa anticapitalista, contribuiria para a disputa por uma alternativa de classe nas próximas eleições. O contrário afirma a tese apresentada ao Congresso de Unificação “Avançar na Unidade para fortalecer a luta dos trabalhadores”, capitaneada principalmente pelo PSTU) que “O Congresso não deve indicar voto a um determinado candidato”. Dessa maneira irão repetir o mesmo erro cometido pela CONLUTAS diante das eleições anteriores, onde tão pouco deram a batalha por um posicionamento de classe diante as mesmas. **Assim são as coisas, o PSOL/PSTU, infelizmente, se demonstraram incapazes de construir uma frente que coloque uma cunha na falsa polarização das principais alternativas burguesas.**

Em síntese: a luta para construir uma alternativa que represente de fato os interesses históricos e imediatos dos trabalhadores é decisivo e o CONCLAT deve se posicionar este respeito.

#### Notas:

(1) Terminologia utilizada pelo sociólogo Chico de Oliveira ao se referir a candidata do PV.

(2) Dívida de São Paulo com a união é impagável parte dela foi absurdamente crescente na gestão de José Serra. (Revista Época 30/04/2010).

(3) Basta notar seu trato com os servidores públicos do Estado na última greve de professores foi inflexível e truculento na greve de estudantes da USP autorizou a entrada da tropa de choque no campus que agredindo estudantes funcionários assim como mandou tropa de choque bater nos professores no Palácio do Planalto o durante grevista.

(4) Sobre isto ver tese de mestrado de nosso companheiro Antonio Carlos Soler, sobre “Autonomia do trabalho docente na rede pública paulista” disponível também no site da APEOESP. (6) Cálculo mesquinho para tentar garantir um cargo no Senado.

(5) Esta figura que o PSTU tanto reivindicou para formar a frente, tem invariavelmente posturas reacionárias como se alinhar com a igreja contra o aborto desacato a decisão da base do partido, nenhuma declaração crítica em relação a doação da Gerdau para campanha de Luciana Genro.

## OCUPAÇÃO DA COSEAS (1) PELOS ESTUDANTES SEM MORADIA E GREVE DOS FUNCIONÁRIOS APONTA CAMINHO:

### LUTAR PARA DERROTAR RODAS, SUA POLÍTICA DE PRIVATIZAÇÃO E REPRESSÃO AOS ESTUDANTES E TRABALHADORES

#### Até quando?(2)

Vivemos numa conjuntura peculiar, onde os movimentos de massa tendem a crescer com o exemplo dos seguidos enfrentamentos dos trabalhadores da Europa, particularmente na Grécia, contra os planos de ajustes da crise econômica. O Brasil ainda é marcado pelo isolamento e fragmentação das lutas. A classe dominante no país tem respondido aos processos de mobilização com uma intensa campanha de criminalização dos movimentos, repressão e a tradicional ilusão de que através das eleições os problemas podem ser resolvidos. Dentro desse cenário pode se assumir basicamente duas posições: a apatia diante dos sucessivos ataques das patronais ou encontrar pontos de apoio para a mobilização e resistência.

**Desde 2007 trabalhadores e estudantes da USP enfrentam uma ofensiva global contra o caráter público da universidade e contra a organização independente dos estudantes e trabalhadores.** Em 2007 a mobilização massiva e a ocupação da reitoria por estudantes e funcionários permitiu uma vitória parcial diante da política de aprofundar o controle governamental sobre a universidade. Em 2009 funcionários e professores se rebelaram diante da truculência da reitoria manifestada na demissão, precarização e perseguição de lideranças dos trabalhadores e dos estudantes além das políticas de privatização do ensino como a Universidade Virtual de São Paulo (UNIVESP), os estudantes e trabalhadores realizaram uma

importante mobilização através da greve, mas que não tiveram suas reivindicações atendidas.

Em 2010, o novo reitor (Grandino Rodas) conhecido direitista a serviço da repressão aos lutadores - responsável pela resolução do Conselho Universitário que recomenda a intervenção policial no



interior da universidade - em sua posse foi responsável pela repressão de uma manifestação estudantil que resultou em agressões policiais e na prisão de três estudantes. Rodas veio aprofundar a política Tucana de desmonte da universidade pública. Um claro exemplo disso é a assinatura da UNIVESP - um dos itens fundamentais que levou a mobilização estudantil em 2009 - logo no início do ano letivo na USP.

Com a assinatura da UNIVESP se institui um novo patamar de ataques à universidade pública, pois seus cursos são voltados para a formação de profissionais para atender ao ensino público de nível básico. **Instituem-se no interior da universidade dois níveis formativos - presenciais e a distância - que acabam por gerar um processo ainda maior de**

**diferenciação profissional já existente anteriormente entre cursos tradicionais, como direito, engenharia e medicina, de um lado, e os cursos de humanidades e licenciatura, de outro.** Tudo isso sob o marketing de que o acesso à universidade pública esta sendo ampliado.

#### E quando a gente manda, ninguém manda na gente

A ocupação da COSEAS, além de ser uma importante iniciativa independente dos estudantes, trouxe à tona outro grande flagelo vivido no interior da USP. O grande déficit de vagas, a precariedade dos alojamentos e a política de repressão aos estudantes já eram conhecidos por todos. No entanto, a ocupação que reivindica mais vagas e a gestão democrática do CRUSP veio revelar uma realidade ainda mais assustadora.

#### É tudo flagrante...

Documentos encontrados revelam um verdadeiro departamento de controle policial da vida e do dia-a-dia dos moradores do CRUSP. Somado à ocupação da COSEAS, os funcionários após uma série de tentativas frustradas de terem suas reivindicações atendidas pela reitoria entraram em greve a partir do dia 5 de maio. Trata-se de uma greve por recomposição de enormes perdas salariais, contra precarização do trabalho manifestada nas tercerizações de vários setores, pelo direito de livre organização, com a exigência da readmissão de Brandão e o fim dos processos de perseguição política de funcionários e estudantes além de outras pautas, como o fim da UNIVESP.



## Aquilo que o mundo me pede não é o que o mundo me dá...

No decorrer da greve, o Conselho de Reitores apresentou uma proposta de reajuste salarial diferenciada entre funcionários e professores, deu um



Manifestações de Maio de 1968 em Paris

Fonte: <http://temi.repubblica.it/espresso-1168>

reajuste de 6% a mais para os professores. Essa política fere diretamente a isonomia de reajustes entre as categorias de profissionais, em outras palavras, quebra a paridade na recomposição salarial das duas categorias que, além de elitizante, fragmenta a categoria (3) ocasionando numa série de implicações. Em primeiro lugar a inflação leva a uma perda salarial linear para todos trabalhadores, dessa forma conceder um reajuste diferenciado para qualquer categoria é extremamente injusto. Em segundo lugar, a quebra da isonomia salarial é uma medida que visa dividir (dividir para governar) as categorias profissionais no interior da universidade. Com reajustes diferenciados a reitoria pretende desenvolver uma política mais a longo prazo para quebrar a solidariedade entre os vários setores. Como era de se esperar, a reitoria vem tomando medidas para reprimir o movimento, como a ameaça de cortar pagamentos e multas aos piquetes de greve organizados pelo sindicato dos funcionários (SINTUSP).

**Até quando você vai levando porrada, porrada...Até quando vai**

## ficar sem fazer nada...

Esse breve apanhado da situação na USP coloca objetivamente para os estudantes, professores e os trabalhadores, em greve, novamente o desafio de organizar um grande movimento unificado capaz de fazer a reitoria e o governo tucano do estado de São Paulo recuar em sua política de destruição da universidade pública e do serviço público. A gestão de Rodas já demonstrou a que veio. Bastou os estudantes e trabalhadores se colocarem em movimento para que o discurso do diálogo caísse totalmente por terra. Assim, o

**movimento estudantil está diante de uma realidade incontornável: ou se mobiliza imediatamente somando-se aos já mobilizados na ocupação do COSEAS e aos trabalhadores em greve para fazer recuar a reitoria e lutar pela universidade pública e democrática ou irá assistir outros ataques, como a ampliação da UNIVESP e o recrudescimento dos ataques à livre organização, com novas demissões e repressão ao movimento.**

## Porrada, porrada até quando vai ser saco de pancada?

Diante desse quadro é necessário analisar o papel que vem cumprindo o Diretório Central dos Estudantes da USP (DCE). Em um processo eleitoral cheio de irregularidades e com os setores mais combativos ausentes ou divididos em chapas diferentes, foi eleita a chapa organizada pelo PSOL. Essa, desde o início da gestão Rodas, vem alimentando ilusões em relação à possibilidade de um verdadeiro diálogo com a reitoria. Essa postura vem contribuindo e muito para a atual confusão de parte dos estudantes que ainda não chegaram à

conclusão de que não há alternativa que não passe pelo enfrentamento direto ao atual reitor. Assim, uma série de manobras vem sendo feitas pela atual direção do DCE (PSOL) - a exemplo que do fez a direção anterior (PSTU) na greve de 2009 - para que o movimento estudantil não entre em cena.

Nas seguidas assembleias esses setores, apesar de suas especificidades políticas, vêm afirmando que não há condições para chamar uma greve dos estudantes, que “estes não estão preparados”, que “é necessário primeiro explicar aos estudantes o que é UNIVESP e quais são os problemas enfrentados pela universidade”, que “não podemos fazer uma greve sem a participação do conjunto dos estudantes”. Ou seja, desenvolvem um linha de argumentação que quer parecer preocupada com a correlação de forças, as condições objetivas e a mobilização ampla dos estudantes. Mas, na verdade, a não disposição de ir à luta dessas correntes não se deve a cálculos táticos ou a não disposição de lutar dos estudantes, mas ao desenvolvimento de uma determinada concepção de movimento estudantil. (4)

Essa concepção em vez de privilegiar a ação direta do setor dos estudantes mais ligados aos trabalhadores(5) se dedica, principalmente, a organização de fóruns fechados de discussão apartados dos acontecimentos concretos da luta de classes. **Na verdade, o debate sobre a greve estudantil não se dá em torno de uma apreciação das condições objetivas e subjetivas para se fazer a luta, mas em torno à concepções e perspectivas políticas totalmente distintas.** O bloco PSOL/PSTU caracteriza-se por priorizar as ações institucionalizadas e pelo “parlamentarismo sindical/estudantil”, pois se dedicam muito mais à disputa nas eleições sindicais e estudantis do que as ...



atividades voltadas para a ação direta dos trabalhadores e estudantes na luta de classes. É o caso do X Congresso dos Estudantes da USP que ocorre em meio à uma brutal ofensiva da reitoria e a greve dos funcionários e à ocupação da COSEAS pelos alunos sem moradia. Não é por acaso que esse congresso contou com uma participação dos estudantes muito aquém das reais possibilidades.

**Não adianta olhar pro céu, com muita fé e pouca luta levanta aí que você tem muito protesto pra fazer e muita greve, você pode, você deve, pode crer não adianta olhar pro chão, virar a cara pra não ver...**

Nesse momento a grande preocupação dos militantes do PSTU, por exemplo, é com a eleição de delegados ao congresso de unificação. Não que a organização

dos fóruns independentes do movimento em nível nacional não seja importante, mas esses devem ser organizados no calor das lutas, não em detrimento delas. No ano passado a greve dos estudantes foi adiada em semanas por conta da política desse bloco de adiar ao máximo o ingresso dos estudantes na greve sob a alegação de que os estudantes não estavam dispostos a se mobilizar.

**Sem renda, se renda. Não, não...**

É necessário romper com a barreira anti-mobilização levantada pelo PSOL e pelo PSTU e discutir diretamente com todos estudantes a necessidade de se somarem aos funcionários em greve e aos estudantes que estão à frente da ocupação da COSEAS para dar uma resposta à altura dos ataques em curso. Rodas não apenas declarou guerra mas já põe em prática os

primeiros ataques. O caso da UNIVESP é um ataque brutal que visa, ao contrário da propaganda, excluir cada vez mais os filhos dos trabalhadores da universidade pública.

Nesse sentido, aprender com as lutas do passado é fundamental e nos preparar para um duríssimo enfrentamento com Rodas, decisivo. Dessa forma, construir comandos de greve e assembléias unificadas entre todos os setores em luta, tomar iniciativas para ocupar os espaços centrais na universidade, exigir o apoio efetivo da CONLUTAS e das demais organizações ligadas aos interesses dos trabalhadores, não abrir mão de bandeiras fundamentais, como ocorreu como o "Fora Sueli", são lições fundamentais da greve de 2009 com os quais devemos aprender e incorporar na atual jornada.

#### Notas:

(1) COSEAS é o órgão responsável pela permanência estudantil, ou seja, bolsas, moradia refeitório.

Os subtítulos desta matéria foram inspirados na musica "Até quando?" de Gabriel o Pensador; Itaal Shur; Tiago Mocotó.

(3) Como se não bastasse professores ganharem mais que os funcionários, com essa política elas recebem reajustes maiores.

(4) Isso já foi verificado de forma cabal durante o ano de 2009, onde em meio a uma brutal repressão aos piquetes de greve dos funcionários pela polícia militar, uma assembléia com mais de dois mil alunos praticamente os obrigou a se posicionarem pela greve.

#### DEMISSÕES, REPRESSÃO AO MOVIMENTO E PROCESSO DE PRIVATIZAÇÃO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO FUNDAÇÃO SANTO ANDRÉ

A atual gestão - representada por Oduvaldo Cacalano - do Centro Universitário Fundação Santo André (FSA), contribui de maneira eficaz para o agravamento dos problemas pelos quais a instituição passa, tais como: alto índice de inadimplência, devido ao alto valor das mensalidades e a cobrança despregada da realidade dos discentes, demissões em massa, assédio moral dentro das dependências da instituição e repressão ao movimento estudantil.

Movimento esse, que pela sua força, foi fundamental para a queda da antiga reitoria imersa em desmandos, corrupção, prevaricação e responsável direto pelo esvaziamento dos cursos de humanas da instituição, não obstante, perseguindo alunos e professores que ao descobrirem colocaram-se efetivamente a denunciar. Em 30/04, o movimento estudantil, após receber denúncias das funcionárias da cantina Faculdade de Filosofia e Letras (FAFIL), informando que não recebiam seus salários há quatro meses, como se não bastasse quando se queixavam ao patrão o dono da cantina sobre o atraso de seus

pagamentos, eram submetidas a constrangimentos como assédio moral e sexual, devido esta situação os estudantes em solidariedade e defesa dessas trabalhadoras resolveram em assembléia fechar a cantina. Os estudantes entenderam que este tipo de prática fere diretamente os direitos do trabalho e da mulher trabalhadora e que é totalmente inaceitável. →



**É um absurdo que uma instituição de caráter público como esta, alugue um espaço como o da cantina a outras empresas privadas,** tornando cada vez maior o número de serviços terceirizados dentro da instituição, como é o caso da faxina, da segurança e de outros serviços que contam com presença de estagiários. Ou seja, tornando cada vez mais precárias as condições dos trabalhadores na faculdade ao não pertencem ao “alto escalão”. Além das questões da precariedade das condições de trabalho dos funcionários, o Movimento também levantou problemas relacionados às condições de estudo. Uma instituição que se localiza no ABC, região conhecida pelo pólo industrial, tendo em sua maioria estudantes trabalhadores, que nem ao menos tem conseguido pagar os altos índices de mensalidade que lhes são impostos, deveria ao menos oferecer aos estudantes uma alimentação com preço popular, que atenderia também as comunidades do entorno, desta forma **se faz necessário um restaurante universitário (bandejão) na FSA.**

Durante a já referida assembléia, que ocorreu no mesmo dia, foi votado um ato em frente à reitoria, que ocorreu na segunda-feira subsequente, exigindo a quebra do contrato com esta cantina; o esclarecimento a respeito do descaso da instituição, posto que as trabalhadoras estavam sendo humilhadas, e exploradas ao máximo - sem receber por quatro meses -, e a universidade dizia que nada poderia fazer. **Pela incorporação das trabalhadoras ao corpo de funcionários da instituição; a construção de um bandejão** controlado por uma comissão composta por trabalhadores, estudantes e membros da instituição. Esse ato também denunciou as vistas grossas que os gestores da instituição têm tido para o fato dos alunos terem sido ameaçados por bate-paus do cantineiro demonstrando clara represália contra os estudantes que se colocaram a favor das trabalhadoras. Porém, o Reitor

Oduvaldo Cacalano recuou-se a dar estas explicações, pois conduziria a outras explicações que o mesmo se recusa a dar, mas bem sabemos a política de bastidores que ele, e os professores que se dizem marxistas, vem fazendo contra o Movimento encadeando um processo de desmobilização dos estudantes.

Na assembléia seguinte em caráter de urgência foram tiradas as seguintes resoluções: **garantir a participação dos estudantes em reunião do Conselho Diretor (CONDIR)** levando as denúncias - na referida reunião tomamos ciência do plano de demissão dos funcionários e da venda da dívida dos inadimplentes para uma empresa de cobrança privada -; assembléias de cursos, como uma medida de agir contra a contrapropaganda que os professores vinham fazendo e uma festa para denunciar os ataques sofridos por funcionários (precarização e demissões) e estudantes (controle burocrático do espaço acadêmico). Mesmo com uma nota emitida pela reitoria na tentativa de intimidar o Movimento, a festa se realizou com uma participação significativa tanto do corpo estudantil da universidade como de estudantes de outras instituições.

Não obstante, cinco funcionárias da cantina e mais vinte funcionários da instituição foram demitidos. A política de “contenção de gastos” desta reitoria encontra apenas o caminho das demissões. Para tanto, pegou um empréstimo de R\$ 1.000.000, 00 junto ao banco do Brasil para realizar o pagamento das rescisões, pois, segundo eles “a longo prazo estes funcionários custariam R\$ 1.400.000, 00”, além de propor a venda da dívida dos inadimplentes a uma instituição privada, o que representa um retrocesso, pois esta é uma das vitórias do movimento que em 2007 derrubou o antigo reitor Odair

Bermelho.

Mesmo tendo em vista que o fechamento da cantina pelo movimento estudantil tratava-se de uma vitória, por ter sido um ato político que culminou em uma unidade entre os estudantes, a cantina foi reaberta a pedido das trabalhadoras na expectativa de retornarem a seus postos de trabalho e desta forma passarem a receberem sem atrasos, mesmo que por pouco tempo, uma vez que o período de contrato da cantina estava se encerrando e segundo a reitoria não seria renovado.

Por conta da pressão que o movimento fez, reivindicando posicionamento da reitoria pelas denúncias feitas por este, a já referida reitoria convocou uma reunião para dar respostas e tentar estabelecer uma negociação no que refere à cantina e as denúncias a respeito das demissões. Porém, entendemos que há um oportunismo desmedido dos representantes da burocracia, porque a todo instante questionaram a autenticidade das reivindicações (tiradas em assembléia geral e de cursos),



tentando caracterizar o movimento como sendo este apenas de alguns alunos militantes organizados em partidos políticos e movimentando-se contra aquilo que havia sido apresentado em reunião do CONDIR anterior, pois ao anunciarem o pacote de “contenção de gastos” as demissões eram plataforma principal, mas ao serem denunciados, utilizaram-se da esquizofrenia geral da



pacote de “contenção de gastos” as demissões eram plataforma principal. A gestão para tentarem colocar alunos contra alunos, demitiram apenas funcionários que não haviam prestado concurso, ou seja, fizeram uma manobra na tentativa de desmoralizar as reivindicações dos estudantes, que constou em ata desta reunião.

Mas esse movimento teve um saldo político positivo na medida que se despontou uma série de estudantes que estiveram à frente dessa luta. Entretanto, a luta dos estudantes passa neste momento por inúmeras dificuldades, como por exemplo, demonstrar o oportunismo dos professores ao quererem descaracterizar o Movimento, argumento que este esta sendo levado somente por partidos políticos, disseminando o ceticismo entre os estudantes quando na verdade **o Movimento é composto em sua maioria por estudantes/trabalhadores além de trabalhadores da própria instituição.** É oportunista e de um total contra-senso esta postura dos docentes afinal estes apoiaram massivamente a escalada ao poder, e não querem permitir ao movimento estudantil uma representação de fato dentro dos conselhos, pois temem serem questionados, além do mais implicaria, por exemplo, dividir

mais espaço com os estudantes sendo que a posição destes poderia ser divergente em relação a questões corporativas não visando toda a comunidade acadêmica, como por exemplo, em não permitir políticas como cortes de salários dos funcionários ou até mesmo que demissões como as descritas acima passassem no conselho. A participação efetiva dos estudantes nas instâncias deliberativas significaria quebrar a hegemonia desta a categoria nos fórum de decisões. **Atrás do discurso “crítico” dos professores contra o movimento está a posição de dividir para governar.**

Inúmeras questões devem ser levantadas em uma combinação de reivindicações decisivas para garantir a permanência dos estudantes, a qualidade de ensino, a democratização da gestão da instituição e a efetivação do caráter público desta, uma vez que o Centro Universitário Fundação



Santo André vive é de total esquizofrenia, pois na sua condição

jurídica coabitam condição pública e privada. Não é uma instituição pública porque é mantida pelo pagamento de mensalidades e também não é privada porque não existe a propriedade privada estabelecida em sua natureza.

Neste marco, é necessária a unidade de todos lutadores para tentar barrar os desmandos e irregularidades desta instituição, para garantir que isso seja possível **algumas medidas devem ser tomadas pelos estudantes, entre elas com peso fundamental está a organização estudantil que passa pela construção de uma chapa que leve a frente de forma independente da burocracia universitária as bandeiras do último movimento.** A eleição para a próxima direção do D.A. deve incorporar a fundo a luta pela (re) incorporação imediata dos funcionários demitidos, a construção de um restaurante popular que atenda as demandas dos estudantes e da comunidade, que seja gestado por trabalhadores, estudantes e professores, a redução significativa das mensalidades, a anistia e rematrícula de todos os inadimplentes, a democratização dos conselhos universitários com proporcionalidade na representação como primeiros passos para a constituição de uma Universidade Pública e Gratuita.

## UNIFESP – Entidade de ensino superior ou de precariedade e monitoramento dos estudantes?

*Por Lúcio Lemos, Marcela Militão e Rosi Santos*

O campus da UNIFESP Guarulhos teve seu funcionamento iniciado em 2007 e desde então, pouca coisa mudou. Sob o jocoso argumento de uma expansão universitária criada pelo governo Lula, a UNIFESP é uma universidade totalmente fragmentada: Primeiro, geograficamente com campi na capital e região, são eles: campus Guarulhos, Diadema, Santos, São José dos Campos e São Paulo.

Segundo, financeiramente o ultimo campi citado é o campus de medicina sendo deste que surgiu todos os outros, toda verba destinada para a universidade passa por este campus e grande parte dela fica nele sendo uma pequena parte destinada aos chamados campi de expansão, assim este fator contribui para precarização destes campi além de gerar revolta entre os alunos. Sabemos quão ínfima é a verba destinada para

educação pública, isto se agrava ainda mais quando mal gestada.(1) O que resulta em condições estruturais de organização dos estudantes e para o exercício das atividades acadêmicas de maneira muito débil. Exemplo disso é o campus Guarulhos que permanece sem nenhuma infra-estrutura básica como alojamento estudantil, salas de estudos, espaço de lazer, restaurante universitário adequado, além de ser de extrema urgência a construção dos prédios destinados a novas salas de aulas e ampliação da biblioteca, parte destes projetos estão a quase cinco anos no papel.





As políticas de permanência são escassas aos estudantes deste campus - em sua maioria são de São Paulo capital, grande São Paulo e interior - estão submetidos a viagens de ônibus exaustivas muito caras que chegam a durar três horas e meia diariamente, estudantes e trabalhadores se locomovem sob um precário modo de transporte super lotados com tarifas exorbitantes, fatores motivadores de protestos e paralisações no último período.

Os estudantes por não contarem com moradia coletiva pública e gratuita possuem duas “alternativas”, ou perdem parte do dia nos coletivos no trajeto para universidade (tempo que poderiam estudar), ou no caso daqueles que não possuem condições econômicas se quer de ir e voltar todos os dias - ficam reféns das limitações financeiras - o que dependendo da distancia sai mais caro do que morar no próprio bairro - assim são “obrigados” a trabalhar durante todo o dia para pagar uma república próximo da universidade significando ficar (novamente) reféns da perversa especulação imobiliária que a cada ano reajusta mais e mais os valores dos alugueis empurrando os moradores do bairro para as periferias.

**Você tem sede de quê? Você tem fome de quê?...**

**Estes problemas são fruto de uma expansão sem qualidade calcada na ineficiente e na insuficiente política de permanência estudantil, da falta de moradia gratuita etc... Os auxílios por exemplo são restritos a um número muito pequeno de alunos sendo muito incoerente sua contemplação em relação a demanda estudantil, além de insuficientes, as bolsas são meritocráticas e não de acordo com as necessidades dos estudantes, portanto excludente.**

O restaurante universitário (bandejão) uma grande conquista dos estudantes fruto da luta que se travou desde 2007 que teve seu ápice em 2008 - como um forte movimento que culminou na queda do reitor- ainda esta longe do idealizado pela comunidade acadêmica, é um dos mais caros dentre às universidades públicas, e seu funcionamento é feito sob uma espécie de salão de forma bastante improvisada - os trabalhadores não só no restaurante, mas todos os trabalhadores do campus (com exceção dos técnicos) não possuem vínculo direto com a

universidade são funcionários da prefeitura de Guarulhos, uma espécie de terceirizados no serviço público, assim não possuem voz e voto na universidade tornando sua organização sindical fragmentada, e mais custosa à vida destes trabalhadores super-explorados ainda mais complicada. Outro problema é a biblioteca, essa é insuficiente tanto no seu espaço geográfico, quanto em sua quantidade de livros, além do curtíssimo prazo de empréstimo de livros - quando aspirado o prazo, os estudantes ficam um longo período sem poder ter acesso aos já poucos livros, sanção totalmente desproporcional com a realidade das necessidades acadêmicas. Até os docentes reclamam desta situação. A mais de um ano começou uma



“ampliação” com a construção de um novo prédio da prefeitura destinado a ser um CEU ao lado do campus onde algumas salas seriam usadas pela universidade para tentar amenizar a precária situação, a universidade entregou às pressas algumas salas onde o acesso a elas se dá em meio ao barro das obras inacabadas. E sem previsão concreta para entrega. Não achamos justo nos apropriarmos de um espaço que é destinado a comunidade já tão esquecida pela prefeitura, a universidade deve estar a serviço da comunidade e não o contrario. Por isso reivindicamos a construção imediata deste prédio para atender ao bairro que possui grande demanda e a construção de prédios próprios da universidade.

Outro ponto importante, mesmo que paulatino é a necessidade da efetivação do ônibus expresso estudantil Itaquera-Pimentas que tornaria a longa viagem pela Dutra ou Senna menos desgastante. Evidentemente, esse tipo de transporte deve ser gratuito e de preferência da instituição, evitando a especulação e já tão bem usada ferramenta de terceirização vinda do governo FHC e hoje muito intensificada pelo governo Lula.

## Unifesp: Ensino, Pesquisa e Repressão

Na UNIFESP Guarulhos se vive sob sistema de vigilância monitoramento por câmeras e por seguranças ora da prefeitura ora da guarda civil e militar que entram e saem do campus sem cerimônia por sucessivas vezes. Conforme a diretoria, isso tem por objetivo proteger os alunos, mas proteger de que? É evidente que isso é uma tentativa de coibir manifestações contra a palhaçada que a diretoria faz com os alunos de proibir é claro, festas e o consumo de bebidas alcoólicas, mostrando exacerbado puritanismo, política ditatorial, de controle dos estudantes em tempo integral, limitando a liberdade dentro da universidade.

A direção acadêmica deste campus ao invés de gastar energia vigiando e censurando os alunos deviam cobrar iniciativas para maior expansão das bolsas de iniciação científica, das quais não são suficientes, assim como políticas de permanência estudantil para que os alunos possam integralmente se dedicarem aos estudos, possibilitando efetivamente sua permanência na universidade, uma vez que boa parte dos alunos chegam exaustos seja do trabalho e/ou dos longos trajetos percorridos, fatores que motivam a evasão ou seja, muitos acabam desistindo dos cursos.

Mas é claro que não se pode ficar só na exigência a burocracia acadêmica, com os estudantes unidos, a base permitirá que efetivamente as demanda estudantis sejam discutidas e incorporadas, sendo as mais gerais:

**Permanência estudantil  
Redução do valor no bandejão,  
Ampliação do acervo bibliotecário  
Ampliação dos prazos de  
empréstimo dos livros e não  
punições por atraso  
Fora polícia  
Visibilidade sim, vigilância Não!  
Efetivação dos ônibus expresso,  
público e gratuito  
Autonomia universitária  
universidade Aberta, e não  
ingerência nas atividades dos  
estudantes como festas organização  
estudantil, expressão etc... Uma  
organização independente dos  
estudantes construída pela base e de  
forma democrática. Pela  
reorganização de um movimento  
combativo e autônomo da  
burocracia.**

(1) Em 2008 uma serie de irregularidades foram apontadas pelo TCU na UNIFESP. Os estudantes desta universidade se revoltaram e pediram a cabeça do reitor acusado de desviar dinheiro público com o escândalo dos cartões corporativos.

## Rebelião operária e popular contra o ajuste da União Européia e do FMI Grécia dá o exemplo a Europa e ao mundo

Por Claudio Testa (1)

As jornadas de luta da semana passada na Grécia são um acontecimento de magnitude histórica.

É a primeira revolução operária, estudantil e popular que acontece na Europa desde o Maio Francês de 1968. E, por não ser a Grécia um caso isolado e sim a ponta do iceberg da crise econômica mundial e europeia, é muito provável que marque também, como o maio francês, uma nova fase da situação política, tanto na Europa como em outras regiões. Ainda assim, muitos têm comparado também o caso da Grécia com o Argentinazo, entre os que o fazem, Krugman, o prêmio Nobel de economia de 2008 (2). E mesmo na Grécia, surge uma parede pichada com os dizeres:

a Europa?

Por esses motivos, compreender de fato o que esta se passando ali e o que expressa o “gregazo” da semana passada, é de transcendental importância. Aqui faremos algumas reflexões sobre este imenso acontecimento.

### “Convergência” da crise econômica e da luta de classes

A Grécia expressa, em primeiro lugar, que esta começando a se dar o que podemos chamar de uma convergência entre a crise mundial e a luta de classes. O que vem acontecendo na economia, começa a ter na Grécia uma resposta a nível político, na ação do movimento operário e na ação dos setores populares.

pareciam marchar por caminhos distintos.

Isto tem múltiplas causas. Uma delas é a rápida resposta inicial que deram os governos dos principais estados capitalistas, os milionários “resgates”, especialmente nos EUA, que evitaram por um momento a grande depressão e criaram por alguns meses a ilusão de que as coisas voltariam rapidamente à “normalidade”.

Mas, o mais importante é que para a classe trabalhadora não é fácil responder a uma crise cuja primeira manifestação é as demissões. Em meio a crise as ameaças de demissões são paralisantes.

Dessa forma, a crise tem tido impactos muito desiguais. Afeta principalmente as categorias de trabalhadores mais precárias e “periféricas” da produção (temporários, “contratados”, imigrantes, etc.), mas golpeia muito menos os núcleos centrais de uma classe trabalhadora que o capitalismo neoliberal cuidou de fragmentar nas últimas décadas.

A tudo isso há de se acrescentar, como um fator de primeira ordem, a ação das burocracias sindicais. Nunca na história do capitalismo os burocratas “operários” têm sido tão subservientes e tão incondicionais como em nossa época. Especialmente nos países centrais as burocracias sindicais já não são tão somente direcionadas por políticas “reformistas” e “conciliatórias”, estão bem empregadas a soldo do estado e dos patrões, direta ou indiretamente. Os grandes aparatos sindicais não vivem mais à custa de seus afilhados, senão de negócios (sindicalismo “empresário”) e/ou as subvenções do estado e dos patrões.



“Atenas = Buenos Aires”.

O Argentinazo não foi, tão pouco, um acontecimento isolado, senão a expressão de um processo continental, marcado pelas revoluções latino-americanas do século XXI que, com suas enormes desigualdades e contradições, pôs a América Latina na posição mais avançada da luta de classes a nível mundial depois de longos anos de derrotas e neoliberalismo selvagem. A Grécia significará o mesmo para

Isto se da com grande atraso. Se bem que, de forma desigual acontecem lutas dos trabalhadores, também no continente europeu, mundialmente ocorre um grande atraso da classe operaria em dar respostas à altura dos desafios e dos enormes ataques que o capitalismo pretende fazer-lhes, ou seja, pagar os custos da maior crise desde a Grande Depressão. Dizendo de outra maneira: nas primeiras etapas da crise economia e política



A Grécia é o primeiro país da Europa e do mundo no qual, apesar destes múltiplos fatores paralisantes, que se desatou uma extraordinária mobilização encabeçada pela classe trabalhadora. A crise e a luta de classes começam a entrecruzar-se.

### Grécia e as revoluções latino-americanas

O paralelo assinalado por muitos entre o que acontece na Grécia e as explosões latino-americanas, em especial o argentinazo, não os torna idênticos. Uma grande diferença é o papel da classe trabalhadora e das massas populares.

O Argentinazo foi uma explosão social e logo um processo de lutas essencialmente popular. A classe operária, organicamente, não atuou em dezembro de 2001 nem tão pouco no curso dos meses seguintes. Não ocorreram greves e a classe operária ocupada e suas organizações de massa, os sindicatos, não desempenharam praticamente nenhum papel, ainda que individualmente os trabalhadores interviessem nas mobilizações, e um pequeno setor operário, o das fábricas “recuperadas”, fizesse a valiosa experiência de fazê-las funcionar sem patrões.

Cumpriram o papel fundamental os desempregados e organizações de bairro e os métodos de luta foram os piquetes, os boicotes e as manifestações.

Na Grécia, pelo contrário, o movimento operário é sem dúvida a coluna vertebral da luta e sua forma principal é a greve geral, convocada pelas organizações operárias, com mobilizações em massa nas ruas e incorpora amplos setores populares, estudantes, taxistas, etc.

### Superação das direções burocráticas e independência política

Frente a crise, as burocracias

sindicais da Europa, em combinação com o partido que, todavia, se atrevem a dizerem-se “socialistas” e “comunistas”, decidiram frear e, sobretudo,



fragmentar as respostas operárias à crise. Quando não podem impedir a eclosão de um conflito, o mantêm isolado até que derrotado. Por isso, a expressão proibida é “greve geral”.

Na Grécia essa proibição veio abaixo, mas não porque os burocratas sindicais sejam muito diferentes, a maioria é do PASOK, o partido “socialista” que hoje governa e que votou um plano de ajuste contra o qual se rebelam os trabalhadores gregos. Como assinalamos em artigos anteriores (3), o segredo está no fato de que as classes operárias e, sobretudo, os ativistas não se sentaram a esperar nem rogaram aos burocratas que lutassem, na verdade tudo isso foi precedido por uma série de ações independentes, de desordens da direção burocrática que não puderam, assim, iludir a convocação da greve geral.

Mesmo que, ainda que o

proletariado e as massas gregas estejam muito longe de ter uma direção política revolucionária, o bipartidarismo burguês que reina em quase todo o restante da Europa, é mais débil na Grécia.

### Os resultados imediatos do “griegazo”

Os resultados imediatos da semana passada também são, ao menos por hora, diferentes do Argentinazo. O governo grego não foi derrubado. Não se deu em Atenas a mesma convulsão no período de pouco mais de uma semana, onde caio o presidente De la Rúa e se logo se sucederam quatro ou cinco presidentes, enquanto milhões rugiam nas ruas “que se vayan todos” (algo muito parecido com o que gritava os atenienses quando tentaram tomar o parlamento).

Ainda na Argentina em 2001, não havia uma alternativa política e popular, finalmente caíram todos, começou, entretanto, uma longa etapa onde houve uma mudança das relações de força e do regime mesmo. As mudanças de regime se deram ainda com mais nitidez nos processos que ocorreram na Venezuela, Bolívia e Equador.

Isso não aconteceu, ainda, na Grécia. Ainda que mal vistos, o governo do PASOK e do parlamento que votou o ajuste seguem ali, governando e dispostos a aplicar as medidas mais brutais contra os trabalhadores.

Por outro lado, é também certo que se trata de um feito que as massas operárias e populares que saíram esses dias às ruas não foram derrotadas, nem muito menos esmagadas fisicamente, apesar da forte repressão.

Não estamos no local para tomar pé do movimento combativo operário grego. Por relatos e testemunhos, parece haver um momento de reflexão e quiçá, em alguma medida, um lógico “estado de choque” (4). É algo compreensível.



Em primeiro lugar, há de se “digerir” a magnitude do que se realizou. Isto não é muito “automático” porque, como só pode acontecer nestes casos, as ações das massas foram momentaneamente mais revolucionárias que suas consequências.

Porém,, também está presente a enormidade do que vem pela frente, do que irá se enfrentar.

### **A burguesia da UE joga perigosamente tudo ou nada**

É que não se trata só de um governo do PASOK, do parlamento e da burguesia grega. Por trás destes está toda a União Européia e o FMI que aplicam os mais selvagens planos de ajustes.

Necessitam manipular a classe trabalhadora grega, para que não venha abaixo o castelo de cartas do euro e se ponha em perigo a continuidade da mesma União Européia.

Como vimos explicando há algum tempo (ver “Grécia em bancarrota”, por José Luis Rojo), Grécia é só o elo mais fraco da corrente do euro. Depois da Grécia, estão na “lista de espera” Portugal, Espanha, Irlanda, Itália...

A crise mundial ameaça acabar com o disparate que é ter uma moeda comum entre países que tem potencialidade econômica e produtividade de trabalho muito distintas. É um disparate similar à paridade “1 a 1” com o dólar, que há dez anos levou de cabeça a Argentina a uma situação que hoje todos comparam com a da Grécia. É que, ao renunciar a uma moeda própria (ou estabelecer uma

paridade imóvel como fez a Argentina), o estado burguês renuncia ao mesmo tempo a possibilidade de manobrar, em épocas de crise, com a emissão de moeda e com os tipos de câmbio que regulam em grande medida o comércio exterior, os preços internos e externos, etc.

A burguesia sempre resolve suas crises aumentando o fardo do trabalhador e das classes populares. Porém há formas e formas, pode ser à vista ou a prazo, com deflação ou inflação. Neste caso, para que o euro não venha abaixo, a UE tem optado por impor à Grécia (e a todos os outros: Portugal, Espanha, etc.) a forma mais brutal: a deflacionista.

Como não se pode omitir, a Grécia, para equilibrar suas contas, deve partir para uma violenta redução dos gastos pelo Estado, dos salários, recorrendo a demissões em massa e etc. É o mesmo que propunha o ministro da economia na Argentina pouco antes da explosão de 2001, para salvar a paridade com o dólar: reduzir entre 20% e 30% os salários, entre outras medidas deflacionistas!

Isto gera, logicamente, um rechaço não menos violento na qualidade de vida, que explica a fúria das massas.

Então, a Grécia é um “leading case”, o precedente, o “teste” do que se aplicará aos demais trabalhadores da UE. Se não podem se impor na Grécia, como o farão em Portugal, Espanha, Itália e os outros?

E digamos que esse “outros” engloba todos os trabalhadores da UE. Em maior ou menor medida,

todos os estados, dentro ou fora da zona do euro, estão mais endividados do que nunca, devido aos “resgates”, e chegou a hora de pagar as contas.

Indo alim da Europa, e tendo em conta que os EUA é o país mais individuado do planeta, o “laboratório” grego é um experimento que pode significar o “tsinal de alarme” para um ajuste econômico mundial duríssimo que faça pagar, sem alívio, os custos da crise em Pinheiro vivo real a classe operaria.

Os operarios, estudantes e campaneases gregos estão na primera fila do combate mundial contra a crise capitalista: por isso necessitam do apoio dos trabalhadores de todo mundo.

#### **Notas:**

1-Tradução de Alessandra Vieira.

2-Kerigma, “La encrucijada del euro”, en [www.socialismo-o-barbarie.org](http://www.socialismo-o-barbarie.org), edición de 9/05/10.

3.”Grécia – Impressionante belga general”, Socialismo o Barbárie, periódico, 04/03/10.

4. La confusa morte – em La jornada Del paro general Del miércoles 5 de mayo pasado – de três empleados de las mobilizaciones...Obviamente que para desacreditarlas. Trata-se de las primeras muertes em luchas populares em Grécia desde El ao de 1991.

5. E m [www.socialismo-o-barbarie.org](http://www.socialismo-o-barbarie.org), edición Del 02/05/10.

## **Debate na esquerda:**

### **A morte de Zapata Tamayo e a situação de Cuba**

A morte do presioneiro Orlando Zapata Tamayo devido a uma greve de fome desatou um debate na esquerda. As posturas vão desde o

**apoio incondicional** a tudo o que diz e faz o governo de Raúl Castro e o regime cubano, até posições como as do PSTU/LIT que os

considera “**uma ditadura capitalista**” semelhante as da “Argentina, em 1976-1982, ou Brasil, em 1964-1984”(1) ➔

Evidentemente, rechaçamos ambas as posições. Porém, para nos posicionar nesse debate começamos por **compreender o marco nacional e internacional em que se apresenta.**

Os destinos de Cuba são de uma importância transcendental, tanto para o processo político latino-americano como para o mundial.

Estamos em a uma crise do capitalismo que condena milhões de seres humanos a um salto na super-exploração, nos salários de fome ou diretamente à marginalidade do desemprego. Por esses motivos, no que pese a debilidade das alternativas anticapitalistas e socialistas, e as desiguais respostas de luta do movimento operário, se desenvolve um **profundo processo de desprestígio e deslegitimação do capitalismo**, sobretudo em suas formas neoliberais. Isso pode acabar sendo **explosivo!**

Nessa situação, cairia muito bem para o capitalismo mundial realizar em Cuba o remake do filme “O fracasso do socialismo”, que as massas já viram a 20 anos com a queda da ex-União Soviética. Seria um golpe muito duro na cabeça de milhões de trabalhadores, que começam a pensar em “outra coisa” diante da realidade cada vez mais insuportável do capitalismo.

E temos que dizer que o desastre econômico, social e político da burocracia cubana está contribuindo para que esse perigo possa se fazer realidade!

### **Uma crise redobrada que é aproveitada pelo imperialismo**

Em artigos anteriores, vimos alertando sobre o curso cada vez mais crítico seguido por Cuba. Em agosto passado, diante do anúncio feito por Raúl Castro de postergação indefinida do Congresso do PC - que se vem postergando faz mais de uma década! - dizíamos o seguinte:

“La refração da crise mundial na ilha somado aos fracassos da condução burocrática e sua incapacidade para aumentar a produtividade dos trabalhadores,



### **coloca outra vez a economia de Cuba em uma difícil situação[...]**

Essa dupla crise faz cada vez mais urgente o surgimento de uma alternativa operária e popular independente, antes que o desastre burocrático consuma uma restauração do capitalismo com na ex-União Soviética ou China.”

“Porém o verdadeiro drama não consiste no fato (inevitável para um pequeno país isolado) de que a crise mundial o golpeie. O grande problema é que esses golpes caem sobre uma economia cuja gestão burocrática **segue sendo um desastre. Então, suas conseqüências se multiplicam perigosamente.**

“Um economista ‘gusano’, residente nos EUA, se assusta e, a mesmo tempo, se regozija do que chama ‘o grande paradoxo cubano: uma economia centralizada que não toma vantagem de seu poder para planificar e estabelecer uma estratégia coerente que lhe tire do marasmo que sofre’.(Carmelo Mesa-Lago, “A paradoxo economía cubana”, El país, 12/07/09)

“Evidentemente, esse economista, satisfeito com o novo ‘fracasso do socialismo’, não pode (ou não quer)

entender que **a chave** de uma ‘economia centralizada’ é quem **a conduz**. Disso depende o ‘poder para planificar e estabelecer uma estratégia coerente’.

“A experiência do século XX com a URSS, China e demais países (supostamente) ‘socialistas’ e, agora tardiamente com Cuba, indica que as burocracias são **organicamente incapazes** de conseguir isso. **Só a classe trabalhadora, democraticamente auto-determinada** poderá resolver este desafio de vida ou morte para marchar até uma sociedade que transcenda o capitalismo explorador.

“O motivo é simples: os trabalhadores se sentem **alheios** a plano sempre decididos desde cima, e cujos principais beneficiários não são eles. Não têm maiores interesses, nem põem maior esforço, em **uma produção que não controlam nem decidem**, e de cujos frutos **se apropriam principalmente os burocratas.**

“O resto do discurso de Raúl Castro que comentamos está em grande medida dedicado a este atoleiro da economia: a **produtividade do trabalho**. Hoje é duplamente dramático, porque o maior déficit vem se dando na **produção de alimentos**. Isso se cobria com a importação. Porém agora a queda dos ingressos está levando a um beco sem saída.”[2]

Desde então, as coisas só tem **piorado**. E a resposta essencial da burocracia tem sido **aprofundar o corte das conquistas que restam da revolução de 1959**, mediante uma política de ajuste que inclui a eliminação dos restaurantes operários gratuitos, a diminuição das verbas da educação, moradia e saúde públicas, etc.



O último ataque é contra as garantias do emprego: Raúl Castro acaba de anunciar que “sobram centenas de milhares de trabalhadores nos setores subvencionados e empresarial.

O excesso de contingentes ultrapasa um milhão de pessoas... ameaçando assim com a **demissão de 20% da força de trabalho em Cuba**. [3]. Nesse discurso, Raúl Castro torna responsável pela baixa produtividade os trabalhadores preguiçosos e não os burocratas do PC! Mais concretamente, estamos diante da crise da “via chinesa” (o, mais modestamente, “via vietnamita”) eleita pelos núcleos centrais da burocracia cubana - principalmente a oficialidade do exercito que administra as empresas mistas - como o curso de restauração do capitalismo que pode **preservar o regime de partido único** e

os conseguintes **privilégios da burocracia**. Isso implica, ao mesmo tempo, tratar de manter uma **relativa independência** diante dos distintos imperialismos, ainda que **se busque afanosamente fazer negócios e sociedades** com suas corporações. É que o “modelo chinês-vietnamita” consiste essencialmente na inversão de capitais para instalar indústrias de bens de consumo para exportar e que empregam muita mão de obra de baixíssimos salários. Porém **isso não tem se efetivado** em Cuba. Agora a crise mundial **agrava** o fracasso. Em oposição a isso, a partir dos EUA se pressiona por outra forma **muito diferente** de restauração capitalista: a **derrubada do regime** e o regresso **da burguesia cubana** (que vive em Miami e que, além do mais, hoje é parte da burguesia yanqui). Com essa perspectiva, nos EUA se tem feito oficialmente um milimétrico cadastro das propriedades que lhes

serão devolvidas a burguesia cubana e às corporações dos EUA, assim que caia o “comunismo” e regresse a “democracia”. Nesse projeto, que implica a recolonização da ilha, não há muita margem de lucro para a burocracia cubana. É como se o imperialismo tivesse exigido a burocracia chinesa entregar tudo a burguesia de Taiwan para se chegar a um acordo!



A ascensão de Obama levou a pensar que essas diferenças poderiam reduzir. Em vista disso, Raúl Castro disse que “estamos prontos para falar de tudo, repito, de tudo...” [4]. Porém Obama, como em outras matérias, demonstrou sua **continuidade** com as políticas do imperialismo yanqui, para além das mudanças de maneiras.

### A posição política da “dissidência” e seu marco internacional

É nesse marco que se deve colocar os grupos da chamada “dissidência”. São organizações políticas em sua grande maioria **financiadas pelos EUA**, através de organismo como o National Endowment for Democracy (NED) e outras “fundações”. Na Argentina, por exemplo, o NED financia personagens com Lilita Carrió e Macri, na Venezuela, a direita “escuálida”, em Honduras as diversas organizações de “camisas

brancas” que apoiaram o golpe, etc.

Apesar de suas diferenças, os programas da “dissidência” coincidem com a volta a “economia de livre mercado” e, a nível político, na democracia burguesa tipo Washington. A quase totalidade da “dissidência” não condena o infame bloqueio que o imperialismo yanqui mantém há quase meio século. Seu triunfo significaria a **recolonização da ilha**.

Como corrente política (não por suas dimensões), ocupam um lugar similar a dos “escuálidos” da Venezuela e outras oposições de direita no continente. Para esclarecer isso com uma comparação: algum tempo atrás, em uma reunião pública que teve grande difusão, um grupo de estudantes encarou a Ricardo Alarcón (um dos máximos burocratas do regime) com críticas, desde posições socialistas, aos privilégios da burocracia. Pode-se dizer que isso, ainda que fosse inorgânico, expressava como esboço, uma **oposição pela esquerda** a burocracia. A “dissidência”, pelo contrário, expressa um pólo oposto: faz **oposição pela direita**. Somado a isso, há que saber que, conjunturalmente, são essas oposições de direita as que estão tendo a **iniciativa** em vários estados latino-americanos. Em Cuba, evidentemente, não tem, nem de longe, o volume de massas dos outros países, como Venezuela, porém hoje tem iniciativa política como oposição. Por último não é de se surpreender que o único ponto do planeta onde tenha havido mobilizações massivas de apoio a “dissidência” é em Miami, a capital da burguesia cubana. Por suas ruas desfilaram os mesmos personagens e as mesmas organizações que meses atrás sustentaram o golpe militar em Honduras.



Estes fatos - e também seus aspectos conjunturais - não podem ser deixados de lado, na hora de definir uma posição.

### A nossa posição sobre as liberdades democrática

Sem dúvida, **não podemos dar o menor apoio político a “dissidência”**. As caracterizações adiantadas por alguns setores da esquerda, que vêem aspectos “progressivos” de um ponto de vista “democrático” em abstrato, nos parecem **completamente equivocadas**.



É um disparate, por exemplo, a semelhança que faz o PO (Partido Operário) da Argentina entre Zapata Tamayo e Bobby Sands, o militante do IRA falecido e 1981 em uma greve de fome. Com todas as suas limitações, o IRA foi um movimento muito progressivo contra o domínio do imperialismo britânico na Irlanda. Mas não tem nada haver com uma “dissidência” que em última instância expressa a burguesia cubano-estadunidense de Miami e a recolonização da ilha!

Porém também, com a mesma força, **rechaçamos a política de repressão permanente** do regime burocrático, que não é dirigida, antes de tudo, ao combate da ingerência do imperialismo, mas para impedir e amordaçar qualquer expressão independente da classe trabalhadora, dos estudantes e do povo cubano.

Cuba não está em situação de guerra civil e a mesma burocracia reconhece que a base da dissidência é insignificante. Na verdade, a injustificada falta de liberdades, a **nível massivo**, é dirigida, **em primeiro lugar**, contra as massas trabalhadoras.

O caso de Zapata Tamayo foi uma consequência desse regime repressivo. Porém. Insistimos, o objetivo central da ausência de liberdades é dirigida, em primeiro lugar, **contras** as massas trabalhadoras. E isso se faz cada vez mais claro, na medida que a legitimidade e o consenso que teve 50 anos a direção cubana está se desvanecendo, especialmente nas novas gerações.

As massas trabalhadoras não têm nada haver com o imperialismo yanqui nem com a burguesia gusana de Miami, porém não tem direito a ter as organizações sindicais que queiram, e não tem direito a organizar-se em suas próprias correntes políticas ainda que sejam anti-imperialistas e socialistas. Não tem tão pouco direito de dirigir e controlar a produção, quando os mesmos órgãos da burocracia - começando pelo diário Granma - reconhece um crescimento fenomenal da corrupção e o saque dos burocratas, para os quais roubar o estado se converteu em uma tarefa fundamental e agudizada pela crise.

### Nem gusanos nem burocratas! Por uma saída revolucionária operária e popular independente

Nessa situação de crise, cremos que se ratificam alguns dos pontos programáticos que colocávamos a menos de dois anos, quando já se esboçava esse curso da crise:

- Por uma nova revolução, que defenda as conquistas de 1959 e que estabeleça **realmente** o poder da classe trabalhadora.
- Pelo fim do regime de partido único, e de estatização dos

sindicatos e demais organizações operárias, populares, juvenis, feministas, etc. Plena liberdade de organização política, sindical e associativa dos trabalhadores, estudantes e setores populares que defendam as conquistas de 1959, especialmente a independência nacional e a expropriação do capitalismo, e repudiem o bloqueio imperialista. Pela constituição de um partido ou instrumento político operário e socialista, independente da burocracia.

pela democracia operária e socialista. Nem “democracia” burguesa fraudulenta estilo Miami nem “voto unido” pela lista única da burocracia. Que as organizações de massas operárias, camponesas, estudantis e populares, com funcionamento absolutamente democrático, designem o governo de Cuba, e debatam e decidam os planos econômicos e políticos.

Nem plano econômico burocrático, nem anarquia capitalista. Democracia socialista para determinar o plano econômico.



Pela administração e/ou controle operário democrático de todas as empresas, com absoluta publicidade de suas operações, como forma principal de avançar na produtividade e terminar com o saque a propriedade nacionalizada feita pela burocracia. Por uma moeda única. Frear e reverter o crescimento da desigualdade.



O isolamento nacional da economia cubana e o baixo desenvolvimento de suas forças produtivas tornam por suposto impossível abolir “por decreto “ a lei do valor e as relações mercantis, como se tentou em algum momento. Isso, concretamente, implica perigosas concessões em dois sentidos: para fora, ao capital estrangeiro; para dentro, a setores dos camponeses e a pequena burguesia urbana. Porém, o controle e direção de tudo isso não pode ser tarefa de uma burocracia que não presta contas a ninguém. A total transparência da democracia operária e socialista deve ser o contrapeso diante dessas sérias pressões, sobretudo as mais perigosas, as que vêm do capitalismo mundial. [5]

#### Notas:

1.- “Frente a la muerte de Orlando Zapata Tamayo y las libertades en Cuba”, Boletín Electrónico LIT-CI no.125, 15/03/10.

2.- “Crisis económica y política - Suspenden por tiempo indefinido el Congreso del partido único”, SoB N° 157 (en [www-socialismo-o-barbarie.org](http://www-socialismo-o-barbarie.org) edición del 16/08/09).

3.- Raúl Castro, Discurso del 04/04/10, Cubadebate, 05/04/10.

4.- Raúl Castro, Discurso del 01/08/09, Granma, 02/08/09.

5.- Roberto Ramírez, “Cuba frente a una encrucijada”, revista Socialismo o Barbarie N° 22, noviembre 2008. • O isolamento nacional da economia cubana e o baixo desenvolvimento de suas forças produtivas tornam por suposto impossível abolir “por decreto “ a lei do valor e as relações mercantis, como se tentou em algum momento. Isso, concretamente, implica perigosas concessões em dois sentidos: para fora, ao capital estrangeiro; para dentro, a setores dos camponeses e a pequena burguesia urbana. Porém, o controle e direção de tudo isso não pode ser tarefa de uma burocracia que não presta contas para ninguém. A total transparência da democracia operária e socialista deve ser o contrapeso diante dessas sérias

pressões, sobretudo as mais perigosas, as que vêm do capitalismo mundial.



## A LIT-PSTU

### “Unidade de ação” com os gusanos de Miami?

A chamada **Liga Internacional dos Trabalhadores (LIT)**, cuja principal organização é o PSTU do Brasil, emitiu uma declaração: “Frente a morte de Orlando Zapata Tamayo e as liberdades em Cuba”.

Seu ponto de partida é que Cuba é “uma ditadura capitalista” como a da “Argentina, em, 1976-1982”. A partir de igualar a ditadura de Videla com o atual regime cubano, a LIT-PSTU chega às seguintes conclusões:

“Cuba não é mais um estado operário com um regime burocrático, mas um estado capitalista governado por uma ditadura. Hoje, o centro de nosso

programa de reivindicações para Cuba é a luta frontal contra a ditadura e pelas mais amplas liberdades democráticas...

“Todo revolucionário que luta contra o capitalismo e pelo poder da classe operária sabe que há que diferenciar os distintos regimes de um estado capitalista. Por exemplo, uma ditadura burguesa de um regime democrático-burguês. Frente às ditaduras burguesas, lutamos pelas liberdades para diferentes setores sociais. Por exemplo, na Argentina, em 1976-1982 havia setores burgueses opositores aos regimes ditatoriais...Nessas situações, lutamos pelas mais amplas

liberdades democráticas para todas as correntes opositoras, inclusive as burguesas...Nesses casos, os revolucionários chamaram a uma ampla unidade de ação, inclusive com os setores burgueses, para combater as ditaduras...”

Porém sucede que a única burguesia cubana que existe no mundo vive em Miami (e ademais forma parte orgânica da burguesia imperialista dos EUA). São os chamados “gusanos”, e é ali onde se deram as mobilizações massivas em apoio aos “dissidentes”. **Em 25 de março se realizou a marcha mais importante, encabeçada pela cantora Glória Estefan,**





Filha de um sicário do antigo ditador Batista, e pelo famoso Luis Posada Carriles, ex-militar e agente da CIA, que em 6 de outubro de 1976 colocou uma bomba que matou 73 pessoas no vôo 455 da Cubana Aviación.[1]

Dessa maneira se a LIT-PSTU tivesse uma seção em Miami, a teríamos visto desfilar em “**ampla unidade de ação, inclusive com esses setores burgueses**”.

### As bases teóricas da unidade com os burgueses democráticos (...) de Miami.

O baixo nível teórico (para ser o mais piedoso) dessa corrente a está levando a um desmoroamento político. De onde tiram que em Cuba já se realizou, como na China, a restauração capitalista?

“A direção castrista - nos explicam - começou a desenvolver uma política de restauração capitalista... os pilares fundamentais de uma economia planificada (o plano central governamental e o monopólio do comércio exterior) já não existem e a economia cubana funciona segundo as leis capitalistas de mercado.”

Efetivamente, como assinalamos muitas vezes, a burocracia cubana tem empreendido um curso restauracionista. Porém há que distinguir entre os primeiros meses da gravidez e da criança já nascida.

É um absurdo dizer que o capitalismo já tenha se restaurado, porque “a economia cubana funciona segundo as leis capitalistas de mercado”; quer dizer, segundo a **lei do valor**. Foi Stalin em um período (e logo Mao e Fidel Castro nos anos 70/80) quem pretendeu, com decretos burocrático-administrativos, remover por cima a incomoda lei do valor. (Isso era parte, ademais, do pacote do “socialismo em um só país”). E foi Trotsky quem criticou isso, levando a alternativa para a

economia de transição da combinação do **plano econômico, democracia operária** para formular o plano, e **verificação pelo mercado** de seus resultados.



### Onde vive a burguesia cubana?

A restauração do capitalismo tem essencialmente um parâmetro social, que os “teóricos” da LIT-PSTU simplesmente ignoram. O capitalismo é um sistema de relações entre classe **de carne e osso**, e não simplesmente a lei do valor tomada em abstrato.

Isso coloca a pergunta **fundamental**, que nossos “teóricos” nem lhes ocorre: **onde está a burguesia cubana?** Falamos das “inversões imperialistas da Europa e Canadá”. Porém isso não constitui uma nova burguesia nacional! A LIT põe signo igual entre China e Cuba. Porém na China não há nenhuma dúvida sobre a existência de uma nova burguesia “vermelha”. Vive em fabulosas mansões e edifícios de bairros de milionários, tem contas nos bancos e é proprietária de empresas, teme em Shanghai uma das bolsas de valores mais importantes do mundo, onde compra e vende títulos e ações, etc. É uma **classe social de carne e osso**, de chineses proprietários de meios de produção, e que existe aos olhos de todos.

Não há, todavia, nada parecido em

Cuba, nem sequer na proporção de uma pequena ilha de economia atrasada. Isso não significa que a burocracia não queira chegar até lá. A corrupção e o saque devem estar gerando as fortunas de alguns personagens. Porém isso não constitui **já uma classe social de proprietários dos meios de produção**, das empresas, da terra, etc.!

Na verdade, a burguesia cubana existe... Porém vive em Miami, não em Havana, nem em Ottawa nem em Paris, nem em Londres. E esse é um dos principais obstáculos para chegar ao um “acerto” entre a burocracia cubana e o imperialismo yanqui

Nota:

1. -“Marcha em Miami pede libertad de disidentes en Cuba”, EFE / El .Informador (México), 26/03/10.

Adquira a nova edição da nossa revista internacional *Socialismo ou Barbárie* 23/24 com um dos companheiros (as) do PRÁXIS.



## Basta de assassinatos políticos em Honduras

*Após uma heróica resistência do povo trabalhador hondurenho, que durou meses mas que esbarrou nos limites da direção de Zelaya, uma eleição fraudulenta, realizada sob um golpe de estado, colocou no poder Pepe Lobo. A eleição fraudulenta não fez a situação política em Honduras voltar à “normalidade”, pois, apesar do refluxo do movimento pós-eleições e da capitulação de alguns setores, as “marchas” continuam acontecendo sobre forte repressão. E uma onda de assassinatos políticos vem ocorrendo no país essa onda de crimes tem como objetivo, esmagar totalmente a resistência para que novos ataques às condições de vida do povo Hondurenho sejam possíveis. Estes assassinatos demonstram o caráter altamente repressivo do novo governo. Os ataques são direcionados a líderes da resistência hondurenha, trabalhadores, estudantes, que quando não assassinados, são sequestrados, e ameaçados. Tudo isso vem acontecendo impunemente uma vez que não há um apontamento dos culpados desses crimes. Por isso se faz necessário uma resposta da classe trabalhadora e dos movimentos sociais frente o que vem ocorrendo em Honduras. Por isso estamos realizando uma campanha de repúdio aos crimes que vem ocorrendo neste país. Esta campanha, faz parte de um chamado internacional que tem como objetivo exigir que os culpados sejam apontados e responsabilizados, tanto seus executores como os mandantes, além do não reconhecimento de um governado que foi eleito em meio a um golpe de estado, revivendo anos duros das ditaduras que ocorreram em toda América Latina, durante o período da Guerra Fria. Como parte dessa campanha contra os assassinatos recorrentes que tem acontecido em Honduras será realizado um ato político no consulado de Honduras no Brasil em São Paulo, seguido da entrega de um abaixo-assinado. Solicitamos ampla participação de todas e todos.*

<http://www.petitiononline.com/gpraxis/petition.html>

**Assine e repasse o abaixo-assinado online para ampliar a campanha.**



# Práxis

### CONTATOS:

grupo.praxis@yahoo.com.br  
www.praxis-socialismo-ou-  
barbarie.blogspot.com  
www.socialismo-o-barbarie.org